

CARLOS ROGÉRIO BONORINO NOBRE

SALADA LITERÁRIA

CONTOS

CRÔNICAS

HISTORIETAS

E

ECOS DA VIDA MARINHEIRA

SUMÁRIO

Introdução.....	4
Contos, Crônicas e Historietas.....	6
Eu Juro!.....	7
Promessa é dívida.....	9
Você acredita em praga rogada?.....	11
Um carrossel de novelas.....	15
Aos cinéfilos- Recordar é viver.....	17
Aconteceu em Belém.....	20
Aconteceu em Natal.....	22
A Escultura.....	24
Coincidência prazerosa.....	28
Consulta marcada.....	32
Panos rápidos de humor.....	33
Visita do Ministro da Guerra.....	38
O Macaco da sorte.....	39
Uma noite para esquecer.....	42
Dona Bela.....	45
Uma fábula.....	46
Reboição no metrô.....	48
Ecoss da vida marinheira.....	51
Um mistério.....	52
Que situação!.....	55
Aconteceu comigo.....	56
Uma premonição.....	59
Exposição itinerante em Cáceres.....	61
Maria Japona.....	64
Autoridade eclesiástica.....	66
Vozes do além.....	67
Que susto!.....	71
Manda quem pode, obedece quem deve.....	72
O PAM do Minas.....	75
Um relato mediúnico.....	78
Uma experiência não programada.....	79
Experiências de projeção astral.....	81
A simplicidade do Ministro.....	84
Por um fio.....	86
A Pelada.....	87
Que Papelão!.....	89
Continuando.....	91

INTRODUÇÃO

Creio que todos nós nascemos, trazendo no íntimo alguns pendores, que em dados momentos poderão despertar, desde que sejam, de alguma forma, alavancados por uma experiência, ou fatos observados, vivenciados, contados por outrem, enfim, aguçadores da imaginação e da criatividade.

Necessário considerar, também, a exequibilidade disponível para que possamos nos dedicar a tais pendores com mais afinco e despreocupados, na medida exata, com outras atividades escolares ou profissionais, neste último caso, mormente as que nos garantem o sustento diário.

Pensando assim, logo após ser transferido para a Reserva Remunerada da Marinha, e em paralelo com algumas atividades de consultoria, na área civil, destaquei horas de lazer para uma intensa pesquisa, para que pudesse, como espiritualista que sou, compreender, de modo mais racional e não como uma simples coincidência, o fato de minha querida esposa Myrian ter nascido em Itajubá, Minas Gerais, na mesma casa onde nascera minha mãe, vinte e três anos antes. Sem qualquer vínculo de parentesco. Nesse trabalho hercúleo de genealogia, acabei descobrindo parentes que conviveram e ou convivem comigo, como colegas, vizinhos e amigos, sem que soubéssemos dos laços familiares. Fruto dessa pesquisa, publiquei o livro “E Os Frutos Continuam”, uma genealogia dos meus troncos familiares ascendentes e descendentes, partindo do livro “Árvore de Muitos Frutos”, publicado por uma prima de minha avó materna, Nilda Autran Bastos Cruz.

Durante as pesquisas que fiz, inúmeros acontecimentos satisfizeram-me para não considerar coincidência os nascimentos ocorridos na mesma casa, acima mencionados. Juntados, tais acontecimentos dariam margem a um novo livro.

Desde então, publiquei outros livros, dentre eles: “Vida ComoVida”, um conjunto de contos e crônicas; “Aprenda a se Conhecer e a ser Feliz”, de auto ajuda; “Os Portadores da Esperança” e “Acertando Passos”, ambos aliando ciência e espiritualismo. Somente o segundo, acima citado, teve finalidade lucrativa, uma vez que foi publicado por editora profissional, com a qual dividi os gastos.

Ocorre que, tendo ainda um razoável acervo de contos, crônicas, histórias, muitas reais e outras por mim adaptadas, resolvi juntar uns tantos deles em uma Salada Literária, que possa ser compartilhada por aqueles que a receberem e que poderão, se assim quiserem, repassar para o próximo. Não há finalidade lucrativa. Ressalto que alguns casos de humor foram publicados em “E Os Frutos Continuam”, cujos exemplares só foram distribuídos para familiares. Outros casos semelhantes, relatados por colegas e amigos, foram por mim adaptados sem, contudo, caracterizar alteração da veracidade. Todos os relatos em Ecos da vida marinheira ocorreram, ainda que na descrição de cada um possa haver enganos, sejam de nomes, datas e alguns fatos.

Para facilitar a leitura e de acordo com o gosto do leitor, dividi o conteúdo na sequência: I- Contos, Crônicas e Historietas; II- Ecos da vida marinheira, com histórias reais.

Acima de tudo, paciência, tolerância e bom humor!

O Autor

Rio de Janeiro, 2017

I- CONTOS, CRÔNICAS E HISTORIETAS

EU JURO!

Parado naquele amplo jardim, Cláudio contemplava um pequeno colibri, pairado entre um punhado de margaridas, quando ouviu uma voz próxima lhe perguntar: Está olhando o quê, seu Zé Mané? Parece um retardado!

Voltou-se, não viu alma viva por perto, apenas o cachorrinho refestelado sobre um velho banco de madeira. Intrigado, questionou, em baixo tom: Quem está aqui me perturbando? É você, Jeremias? Citou o fiel jardineiro, que trabalhava lá por duas décadas.

O silêncio somente foi quebrado pelo canto de alguns pássaros.

Curioso, fez uma varredura visual de 360 graus, deslocou-se vagorosamente alguns metros à frente, outros para a direita, depois para a esquerda, voltando ao lugar inicial e se sentando no banco, bem ao lado do cão.

Mal se acomodara e perplexo, viu o animal lhe dirigir a palavra: É, doutorzinho, eu mesmo lhe fiz a pergunta! Pode achar inusitado, mas saiba que todos nós, da família dos canídeos sabemos falar. O problema é que raríssimas criaturas deste planeta conseguem nos ouvir. E acabam escondendo isso dos demais, com medo de serem tratadas como loucas. A grande maioria pensa que só podemos latir e ganir. Santa ignorância!

--Mas você queria o quê? Só estou acreditando por que estou vendo e ouvindo. Olhe, sou psiquiatra há quarenta anos, cansei de ver coisas e pessoas diferentes, mas... com mil perdões, cachorro falar, só na televisão. E você agora me colocou em uma tremenda enrascada. Como poderei contar para os amigos que conversei com um cão? E para os meus pacientes?

--Ué, não precisa contar, fica entre nós dois. Tem muita gente fofoqueira e você ficaria em maus lençóis. Sua reputação estaria ameaçada. E mesmo que eu quisesse lhe ajudar, falando simultaneamente para outras pessoas, a probabilidade de uma delas me ouvir é quase zero. Esse seu dom abençoado é único pelas redondezas. Aliás, gostaria de trazer alguns companheiros para você ouvi-los. Quem sabe, poderia servir de porta-voz, claro que de maneira sutil, sem revelar a verdade, para as nossas reivindicações? Temos diversas a fazer.

Ia responder, quando alguém lhe tocou as costas, dizendo: Pelo amor de Deus, Seu Cláudio, por que fugiu novamente do quarto? Estão todos lhe procurando lá no Pavilhão da Psiquiatria. E a sua amiga Dona Auta está em prantos, afirmando que o Senhor roubou o cachorrinho dela de pelúcia!

O falso doutor saiu cabisbaixo, reclamando: não roubei não, ele me convidou para passear. Eu juro!

PROMESSA É DÍVIDA

Nos quatro últimos meses tudo dera errado. Perdera o emprego, o marido fugira com outra mulher, as dívidas se acumularam. As orações para os santos de sua devoção não mudaram o panorama sombrio. Então resolveu apelar para o Senhor Guinda, que colocava cartas e morava nas redondezas. Sempre que passava pela padaria do Ernesto, via o anúncio na casa ao lado: “Se tem algum problema, Guinda resolve, interpretando as cartas do baralho”. Logo abaixo, um número de telefone, para quem quisesse marcar uma consulta. Marcou, tão logo regressou ao lar. No dia escolhido, chegou com antecedência.

Era uma pequena sala, com algumas cadeiras disponíveis. Cumprimentou a mulher que lhe abriu a porta, pagou antecipadamente e sentou-se, esperando ser chamada. Dez minutos após, Guinda se despediu da senhora que acabara de atender e a convidou para entrar no consultório. Um local até que aconchegante, com inúmeros quadros nas paredes, quase todos caracterizando um ambiente místico.

Mal sentara, o homem fez algumas perguntas, enquanto embaralhava as cartas. Depois disse: - Na verdade, meu nome é Eleutério. Guinda é o meu amigo espiritual. Ele é quem me orienta. A senhora se concentre, por favor.

Fechou os olhos, falou coisas ininteligíveis, fez alguns gestos e desandou a falar sobre os problemas dela. Aí espalhou as cartas sobre a mesa, descobrindo três. Estava pasma, pois o homem acertara tudo até então.

- A senhora precisa fazer uma parceria espiritual e uma promessa, disse ele. Estes três valetes me mostram tudo.

- Mas... tenho rezado muito, já fiz promessas e nada mudou!

Ele a fitou por instantes e completou: - tem rezado, mas não para o santo certo! Os valetes indicam que a senhora precisa fazer um pacto com os três reis magos, porque na última reencarnação foi devota deles. Durante três dias seguidos ore e os louve sempre antes de dormir. Algo de bom acontecerá no quarto dia. Então coloque um agradecimento a eles nos jornais de maior circulação. Tenho dito!

Foi embora esperançosa, pronta para não quebrar o acordo. Nos três dias que se seguiram, cumpriu fielmente as ordens de Guinda. Jamais orara tanto!

Na manhã do quarto dia acordou bem cedo e fazia o desjejum, quando o telefone tocou. Do outro lado, Melissa, sua maior amiga, gritou: - acertamos Laurinha, acertamos! Acabei de ver no computador. Ganhamos um dinheirão! Uns quatrocentos mil para cada uma de nós três. Já contei para a Fernanda. Vamos combinar para recebermos o dinheiro hoje mesmo na Caixa Econômica.

Encontraram-se e receberam o prêmio da Lotofácil. Um único bilhete acertador, dando um milhão duzentos e tantos mil, rendendo quatrocentos e poucos mil para cada uma delas.

Comemoravam, quando se lembrou da promessa. Resumiu tudo para as amigas e lá se despencou para providenciar os anúncios. No outro dia, saiu nos jornais:

Penhoradamente agradecida, aos três reis magos, ATHOS, PORTOS E ARAMIS, pela enorme graça alcançada. Muito obrigada,

Laura Maria

VOCÊ ACREDITA EM PRAGA ROGADA?

O pai morreu e pouco tempo depois a mãe, no decorrer do inventário. Na partilha de bens, cinquenta por cento para cada filho. Fez um acordo com a irmã Isaura, ficando com o casarão, construído pelo avô, e mais uma traineira. Isaura ficou com três apartamentos e outra traineira mais nova.

Juvenal, que não era de abrir mão das coisas e sempre procurava levar vantagem nas negociações, achava ter feito um ótimo negócio. Afinal, o casarão era um sonho alimentado desde muito tempo. Bem situado na periferia da cidade, próximo da rodovia estadual, ocupava uma área útil de quase mil metros quadrados, com dois andares, duas salas, dez quartos, sendo seis suítes, um escritório, três banheiros sociais, uma cozinha ampla, área de serviço e dependências de empregada. Nos fundos, um pequeno depósito para mantimentos, outro para guarda de ferramentas e maquinaria, algumas árvores frutíferas e um estacionamento, para motos e automóveis.

É bem verdade que precisava de uma grande reforma, mas Juvenal havia programado tudo direitinho. Com suas economias e vendendo a traineira, já que não tinha a menor vocação para a pesca e muito menos para o mar, ao contrário do pai e da irmã, iniciaria as obras para reformar o casarão. Construiria um motel e pronto.

Assim o fez. Vendeu a embarcação para o cunhado Daniel e deu início à reforma. Estava tudo indo bem, controlando e fiscalizando os serviços, economizando daqui e dali e dois meses se passaram, quando recebeu a visita de Isaura. Estava possessa e indignada. Aos berros, falou: - Que história é essa de motel, Juvenal? Vovô deu um duro danado para construir essa casa, onde todos nós fomos criados e vem você denegrir a família! Não vou aceitar isso passivamente.

Em vão Juvenal tentou convencê-la. No fundo, até concordava, mas a ganância era grande. Não estava mais disposto a viver com a merreca de salário, que recebia como bancário. Queria ganhar dinheiro sem muito trabalho. Fizera uma pesquisa e constatara que o investimento seria garantia de cofre cheio.

-Pois fique sabendo que vou agourar este seu motel! Nem que tenha que mandar fazer um trabalhinho daqueles! Ah, se não vou!

Não deu muita bola para a praga rogada e desde então não se encontrou mais com a irmã.

Do lado de fora, ficou um bom tempo contemplando a fachada. Era uma hora da tarde e ficou imaginando a chegada da noite, quando o letreiro estaria iluminado e anunciaria, pela primeira vez, nas redondezas: Motel Acalento. Valera a pena todo o sacrifício. Apesar da praga rogada lá estava para colher os louros. As reservas feitas para o dia seguinte, o da inauguração, superavam as expectativas. Dispensou todos os empregados contratados, cerrou as portas principais, sentou-se numa das poltronas do escritório, nos fundos do andar térreo e acendeu um cigarro. Quando acabou, já sonolento, dirigiu-se ao andar superior, entrou no quarto que reservara para moradia, de frente para a entrada principal, abriu levemente a janela e deitou-se, pensando na vida.

Morreria solteiro, menos pela fama de zura, mais pelas manias que cultivava. Com

cinquenta anos, aproveitaria a vida finalmente, sem preocupações de prestar contas de seus atos como ocorrera até o momento.

Dormiu e, pouco depois acordou, sentindo uma brisa fria. Levantou-se para fechar a janela, quando viu o negrinho. Na ponta dos pés e junto ao portão gradeado de entrada para veículos, o garoto parecia tentar divisar alguma coisa. O muro alto de alvenaria dificultaria a entrada no jardim que circundava a fachada frontal, mas o portão gradeado não era tão alto e poderia ser escalado.

Pelas frestas da janela, ficou observando os passos do menino. O que poderia ele querer? Na certa, roubar as rosas que desabrochavam no jardim. Ou então as mangas maduras da mangueira na área de estacionamento. Ai do moleque se tentasse invadir a propriedade! Que petulância, antes da inauguração e já querem me roubar? –Pensou.

E o garoto lá, cada vez mais dando mostras de inquietação. Por duas vezes começara a subir no portão, desistindo em seguida. Depois correu para o portão principal de entrada e tocou a campainha. Primeiro suavemente, e em seguida mais demoradamente.

Juvenal permaneceu impassível. –Filho da mãe, balbuciou. Está testando para ver se tem alguém por aqui.

Por via das dúvidas, foi buscar uma espécie de tacape que deixava no armário. Mandara confeccionar para assustar os cães e gatos que rondavam o local. Tinha horror a animais domésticos, comparando-os às crianças levadas: intrometidas e barulhentas.

Voltou à janela e assustou-se. O desgraçado do garoto arrumara dois comparsas. Aparentavam uns treze anos. –Deviam estar escondidos! Imaginou.

Raciocinava, quando percebeu os meninos gritarem, um deles correndo e tocando a campainha. Soltou um palavrão, sentiu um cheiro forte de alguma coisa queimando, abriu a porta do quarto e se viu encurralado.

Labaredas vinham céleres do corredor, estimuladas pelo carpete que cobria todo o andar. Sem saída, escancarou a janela e pulou os quase quatro metros de altura, após insistência dos três garotos.

Os bombeiros chegaram rapidamente, ainda encontrando Juvenal gemendo, de bruços, entre rosas espatifadas e espinhos cravados em várias partes do corpo, além de uma fratura na perna direita. Estava sendo removido quando ouviu a voz do negrinho: -Vi o fogo começando lá nos fundos e tentei avisar, toquei a campainha, mas o moço não atendeu.

Em tempo: o incêndio foi causado por uma ponta de cigarro deixada acesa por Juvenal no escritório e que caíra no tapete.

Um adendo: o seguro da casa seria feito na manhã do dia seguinte.

Um conselho: cuidado com pragas rogadas!

UM CARROSSEL DE NOVELAS

Finalmente, O CASARÃO foi vendido. Agora, como lembranças do passado, OS OSSOS DO BARÃO no fundo do quintal e uma escultura em bronze de um CORAÇÃO ALADO no lúgubre jardim de inverno.

As TRÊS IRMÃS, últimas descendentes da nobreza, resolveram viver ELAS POR ELAS. Sendo MULHERES APAIXONADAS, cada qual tentaria uma nova ESCALADA na vida. Tipo COMEÇAR DE NOVO.

GABRIELA, das três A MORENINHA, era a mais jovem. BELÍSSIMA, saiu logo em busca de sua ALMA GÊMEA. Invocando o DIREITO DE AMAR, sem preocupação com possível TI, TI, TI, rompeu os laços familiares para realizar A VIAGEM dos sonhos. NO CAMINHO DAS ÍNDIAS encontraria, quem sabe, O BEM AMADO.

A irmã do meio era conhecida como a ROSA REBELDE, A INDOMADA. Sempre com ar de SENHORA DO DESTINO, achando que, para ser feliz, VALE TUDO. Na adolescência, queria por que queria namorar o SHEIK DE AGADIR, certamente guiada por um ESTÚPIDO CUPIDO. De outra feita, resolveu comprar, não se sabe o porquê, várias LOCOMOTIVAS de brinquedo. Passava horas se divertindo. Sua maior proeza foi em plena igreja, no momento em que o padre lhe perguntou sim ou não, quando desmanchou o noivado e jogou o VÉU DE NOIVA no lixo, sob os olhares perplexos dos presentes. Coincidência ou não, o noivo acabou sendo A PRÓXIMA VÍTIMA, uma semana depois, de um pistoleiro contratado por um desafeto. O CONTRATO foi encontrado pela polícia.

Com a sua parte da venda do casarão, Rosa prometeu curtir O LADO BOM DA VIDA e DE CORAÇÃO ABERTO, pedindo desculpas, foi residir na AMÉRICA, em Nova York.

CHOCOLATE COM PIMENTA, eis o apelido de ANASTÁCIA, a irmã mais velha. UMA LINDA MULHER, com seu jeito de CABOCLA. Era A FAVORITA do seu genitor, o único neto do barão e recentemente falecido.

Ela o tratava de PAI HERÓI, desde que certa vez ele a salvara das garras de uma jaguatirica perdida. LINCOLN, quase centenário, O JARDINEIRO FIEL da família, sempre comentava que Anastácia era fruto de um LOUCO AMOR do pai por uma CELEBRIDADE circense, do famoso grupo de

trapezistas IRMÃOS CORAGEM. E ela, não querendo ser A SUCESSORA e permanecer naquele lugar, que considerava uma SELVA

DE PEDRA, pegou o CAVALO DE AÇO, pintura feita pelo barão e de grande valor monetário, mais um quadro com a fotografia de Tyrone Power, O ASTRO do filme SANGUE E AREIA, e partiu para SARAMANDAIA, cidade distante, para viver com o antigo amor, ROQUE SANTEIRO, então o REI DO GADO. Apostava que teriam um futuro BRILHANTE. Quando as irmãs lhe perguntaram o porquê da decisão, simplesmente respondeu: A LUA ME DISSE.

Bem, para todas as irmãs, o nosso AMOR. Neste carrossel, SALVE JORGE, tenham AMOR À VIDA e um

FINAL FELIZ

AOS CINÉFILOS

RECORDAR É VIVER

Caminhemos olhando para frente, mas sem esquecer que O PECADO MORA AO LADO.

Se você guarda alguma mágoa, nunca será TARDE DEMAIS PARA ESQUECER.

Chega de apagões, queremos O FIM DA ESCURIDÃO.

Por mais dinheiro que possamos ter A FELICIDADE NÃO SE COMPRA.

A mulher é muito mais sensível que o homem, sabendo QUANDO FALA O CORAÇÃO.

Ao realizarmos um NEGÓCIO ARRISCADO, não deixemos que a afeição bloqueie a razão.

Com a morte, o corpo se decompõe na terra, enquanto a alma vai viver UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO.

A simpatia acarreta amizades e estas revelam OS BONS COMPANHEIROS.

Na IMENSIDÃO AZUL do mar, ÁGUAS TRAIÇOEIRAS devemos evitar.

Cuidado com a vestimenta de uma mulher sedutora, pois ela poderá estar VESTIDA PARA MATAR.

UM TIRO NO ESCURO, UM CORPO QUE CAI, UMA TRAMA INTERNACIONAL, em UM DIA DE CÃO.

Senhores passageiros de O EXPRESSO DA MEIA NOITE, preparem-se para o EMBARQUE IMEDIATO.

OS DOZE CONDENADOS assinaram um PACTO DE SANGUE.

E O VENTO LEVOU, definitivamente, as esperanças de paz, pois MEUS VIZINHOS SÃO UM TERROR.

O COLECIONADOR resolveu presentear GILDA com um CANDELABRO ITALIANO do século XVII.

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO residem as verdadeiras causas dos nossos sofrimentos.

Com insaciabilidade, egoísmo, inveja, ciúme, orgulho, sendo poucas as exceções, ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE.

JULIE & JULIA seguiram A TRILHA até A FORTALEZA.

Um ENSAIO DE ORQUESTRA, um silêncio repentino, um PERFUME DE MULHER, UM TIRO NO ESCURO, logo após O ÚLTIMO TANGO.

BÁRBARA, para o mestre: ENSINA-ME A VIVER, SEM ORGULHO E PRECONCEITO.

Foram as LUZES DA RIBALTA que iluminaram A CASA DO LAGO.

Vermelho e preto são cores de uma PAIXÃO ETERNA, compondo O MANTO SAGRADO do Flamengo.

MINHA IRMÃ, quem será O AMANTE DA RAINHA?

Um deficiente visual, para a sua amada: NUNCA TE VI SEMPRE TE AMEI.

QUAL O NOME DO BEBÊ de Rosemary?

O ÚLTIMO DESAFIO foi esquiar em AS NEVES DO KILIMANJARO.

Enfim, A NEGOCIAÇÃO. Assim, O RESGATE FOI PAGO.

Com a CAÇA AOS GÂNGSTERES, O PODEROSO CHEFÃO e seus assecclas ficaram ENCURREALADOS.

O FUGITIVO aproveitou A HORA MAIS ESCURA

OS CAFAJESTES destruíram o CASINO ROYALE

ACONTECEU EM BELÉM

Em 1983 eu estava servindo em Belém, capital do Pará, onde comandava a Corveta Iguatemi. Lá, tive a oportunidade de rever alguns parentes e conhecer inúmeros outros, da família de meu pai.

Um dos meus tios, então já desencarnado, havia sido um dos fundadores da Assembleia Paraense, tradicional clube local.

Era um sábado de carnaval, e nos dirigimos ao clube. Eu, minha esposa Myrian e meus primos Leo e Lila, ambos dentistas, e com os quais fizemos estreita amizade, mantida por todos esses anos.

Chegamos cedo ao salão e escolhemos uma das duas mesas frontais a uma janela, larga e do tipo basculante, por onde entrava uma brisa fresca, atenuando o calor que certamente seria maior quando o ambiente estivesse lotado.

As pessoas foram chegando e ocupando as mesas mais próximas das outras janelas.

O salão estava repleto, quando começou uma chuva forte. Respingos começaram a incomodar o grupo de foliões da mesa ao lado da nossa, de onde dois cavalheiros se levantaram e foram fechar o basculante. Tentaram em vão manobrar a alavanca, que parecia emperrada. Dois outros homens de outra mesa próxima foram auxiliar, mas nada conseguiram. Todos desistiram e deslocaram suas mesas como puderam, com a aquiescência dos vizinhos, da melhor maneira possível.

Enquanto o fato ocorria, Leo e Lila se divertiam no salão. Voltaram à mesa quando a chuva, mais intensa, já nos incomodava. Leo, nos seus um metro e oitenta e tantos de altura, com os músculos que Deus lhe deu, atleta que era, tendo sido goleiro de futebol do Paissandu, clube de grande torcida na cidade, levantou-se para fechar a janela.

--Não adianta, ela está emperrada! Exclamou um dos que tentaram anteriormente fechá-la.

--Deixa comigo! Respondeu meu primo.

Segurou firme a alavanca, retesou os músculos e deu um puxão. A estrutura da janela e boa parte da esquadria desabaram para o lado de fora do salão, para espanto geral.

ACONTECEU EM NATAL

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Comandante Militar, na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, era um general, conhecido e temido por não admitir deslizes no cumprimento dos serviços. A tropa era mantida em alerta permanente, dia e noite, sendo constantes os exercícios de adestramento, com inspeções aleatórias em todos os setores.

Certa vez, durante uma dessas inspeções, no amplo campo de manobras, o general, usando um binóculo, observou, no topo de uma colina, um soldado deitado de bruços, que lhe pareceu compenetrado e que, também, possuindo um binóculo, devastava as redondezas. Comentou o fato com o

Coronel que o acompanhava, Chefe do seu Estado-Maior, mostrando interesse de ir até a colina.

Assim o fez e chegando lá, aproximou-se sorrateiramente do soldado, abaixou-se e lhe perguntou: Que faz você aqui neste lugar?

Sem largar o binóculo e sem se voltar para o inquiridor, o soldado respondeu, em tom baixo: Tô observando. Escolhi este local, pois vejo tudo daqui de cima, fico com proteção se houver fogo inimigo, o horizonte é bem amplo.

O general levantou-se bem lentamente, chamou o coronel num canto e lhe disse: Até que enfim, encontro um subordinado senhor da sua tarefa. Anote o nome dele para um elogio. Grande exemplo! Não se voltou quando questionado e até na voz não se comprometeu, falando baixinho.

Fez um sinal para o coronel e deitou-se novamente ao lado do soldado, que nem percebeu. Fez nova pergunta: Está observando o quê, agora?

Sem se mexer, o outro respondeu, num tom quase impossível de se ouvir: Tá vendo lá embaixo, à direita, junto àquele muro, daquela casa velha?

--Caramba, nessa distância, fora do campo de manobra? Pensei que fosse mais perto, aqui nas redondezas! Por que então você fala tão baixo?

Sem perder a concentração, o soldado respondeu: Ah, desde ontem que tô rouco, companheiro!

A ESCULTURA

Quando recebeu a notícia que herdara do patrão a escultura moldada em bronze, que diariamente limpava, deixando-a brilhar ao Sol no centro do jardim da velha mansão, em Botafogo, Artur pensou logo em vendê-la. Com cinquenta anos, cerca de trinta deles trabalhando para o Senhor Felipe Amaro, recentemente falecido, estava desempregado, precisando de um apoio financeiro. Na realidade, pretendia regressar à cidade natal, um vilarejo próximo de Braga, em Portugal, onde viviam irmãos e familiares. Era seu grande desejo.

A escultura não era maciça, mas provavelmente daria um bom dinheiro. Imaginando o porquê daquele presente, começou a divagar. Bem verdade que sempre manteve uma relação afetiva com Felipe, e este tinha plena confiança nos seus serviços, como jardineiro e uma espécie de faz-tudo, sem jamais ter faltado ou cometido um deslize. No entanto, parecia-lhe sem sentido receber de presente a escultura da mãe dele, a baronesa Leocádia.

Resolveu procurar a única herdeira de Felipe, a filha Natália, solteira e que sempre o tratara com bastante carinho e consideração.

Nat, como ele a chamava, então lhe explicou toda a situação. Desde algum tempo o pai enfrentava grandes problemas financeiros e fora obrigado a vender a mansão, a fim de saldar as dívidas. O comprador, um banqueiro amigo da família, concedeu a Felipe alguns meses para providenciar a mudança. Ele já estava muito doente, e Nat era a sua procuradora desde que ele não pudera mais se locomover. Ela, formada em Direito e trabalhando na profissão, rapidamente solucionou os problemas e resgatou todas as dívidas com o adiantamento da venda da mansão, antes do pai morrer. E confessou que ele pedira a ela que destinasse a escultura para Artur, em reconhecimento pelos serviços prestados e o zelo com que ele manteve a mesma, por todos aqueles anos. Além do mais, como havia dito ao pai, ela não tinha a menor intenção de ficar com a escultura, que considerava um enorme trambolho ainda mais que a avó havia sido uma déspota, avara, que tratara mal a criadagem e roubara uma fortuna do próprio marido.

Quando Leocádia morreu, Natália estava com vinte e cinco anos. Desde que perdera a mãe, dez anos antes, vivia às turras com a avó, que chamava de mandona, falsa e fofqueira. Além do mais, soubera, por meio dos criados mais antigos, que a baronesa se envolvera com vários homens, aproveitando-se das frequentes ausências do barão, que possuía duas fazendas de gado no interior de São Paulo e onde ficava a maior parte do tempo.

Um desses possíveis amantes teria sido Rafael, o escultor. Italiano, boa pinta, alto e musculoso, radicado no Rio de Janeiro, teria sido contratado para fazer a escultura.

Algumas vezes o patrão comentara a respeito dos fatos que envolveram a obra. Segundo dizia, na época estava estudando em Paris, não tendo acompanhado o desenrolar dos acontecimentos. Ao regressar, já com vinte e dois anos e com o diploma de engenheiro, surpreendeu-se ao se deparar com a escultura, mas a considerou uma bela obra de arte.

Foi Josefa, a mais antiga das serviçais, quem lhe deu os maiores detalhes. Que a baronesa havia hospedado Rafael na mansão, comprado todos os materiais por ele pedidos,

montando uma pequena fundição nos fundos da casa, onde ele passou a executar a tarefa sob o maior segredo. Leocádia era a única a penetrar no quarto de trabalho. Às vezes, permanecia horas no local, deixando os criados curiosos. Seu marido, o barão, que sabidamente estava envolvido com uma rapariga paulistana, não tomava conhecimento ou fingia não saber. Quando num belo dia deu de cara com a escultura da esposa no meio do jardim, soltou um palavrão, uma expressão de desaprovação e, com Josefa bem perto, gritou: --Maluca! Meses depois, debilitado por doença incurável e constatando que a mulher lhe roubara, destinou, antes de falecer, as fazendas de gado para a amante e alguns capatazes de confiança.

Com a ajuda de amigos, Artur retirou a escultura, levando-a para a sua casa, de dois cômodos, na subida do morro Dona Marta. Colocou-a deitada sobre um lençol branco bastante usado e ficou observando os detalhes. Foi quando percebeu, nas solas dos pés, as duas mensagens. Após fazer uma limpeza, retirando os detritos acumulados, viu, escrito no pé esquerdo, em letras de forma pequenas: no meu joelho, a chave que o sustenta. E no pé direito: minha riqueza se abre no centro do ninho de amor.

Mais uma vez recorreu a Natália, que prontamente foi até a sua casa.

--Vamos ter que desmontar esta porcaria, sem danificar as peças, disse ela.

--Que tal cortarmos, pouco acima do joelho esquerdo? Emendou Artur, sendo aprovado.

Assim o fizeram. Realmente havia uma chave, na altura do joelho, colocada transversalmente, bem ajustada, mas facilmente retirada. Podia ter uns oito centímetros.

E agora? Que riqueza é essa que se abre no centro do ninho de amor?

Será que se trata desse lugar aqui? Na periquita dela? Perguntou Natália, apontando.

--Penso que não, olha o tamanho da chave. Deve ser para abrir uma espécie de baú, ou um cofre. E acho que sei do que se trata. Senta aí, Nat. Contou a ela o que escutara de Josefa, sobre Rafael e os encontros nos fundos da mansão, no quarto onde fora esculpida a escultura, então trancado e fora de uso.

--Ela fez uma expressão de espanto, depois um xingamento e falou:

Você acha que o quarto é o ninho de amor e no centro dele poderá estar algum baú?

Artur concordou e, trinta minutos passados, os dois entraram no tal quarto. As chaves do casarão seriam entregues dias depois e pouca coisa restara para finalizar a mudança. Todos os móveis, eletrodomésticos, prataria etc haviam sido doados por Nat, que não quis vender, mesmo quase nada tendo sobrado com a venda da mansão.

O piso era de madeira corrida, em estado precário, e não foi difícil para Artur quebrá-lo e retirar os entulhos, pela experiência que tinha e com os instrumentos existentes no paiol de manutenção que tanto usara. Herdou todos e a sorte foi que ainda não os havia retirado.

Lá estava o baú! Encaixado em um buraco, feito no meio do quarto.

Artur passou a chave para Nat, que foi abrindo vagarosamente, até poder levantar a tampa. Os dois permaneceram perplexos por alguns instantes. Recolheram tudo o que havia dentro, colocaram entulhos no baú, trancaram a porta do quarto e foram até a sala da mansão. Lá, Natália fez questão de dividir tudo igualmente. Cada um saiu com uma bolsa, levando cem mil dólares, trinta mil libras esterlinas, diversas joias de grande valor e duas barras de ouro maciço.

Poucos dias depois, Artur se despediu de Nat e partiu definitivamente para Portugal. Já ela continuou no emprego, mas abriu um negócio em Copacabana.

COINCIDÊNCIA PRAZEROSA

Pela primeira vez, em cinco anos, e desde que resolvera residir no Rio de Janeiro, aceitando uma boa oferta de emprego como médico pediatra de uma clínica em Botafogo, José Luiz decidiu conhecer o Hipódromo da Gávea. Quando morava em São Paulo, com os pais e a irmã Roberta, frequentava, com alguma regularidade, o Hipódromo de Cidade Jardim, apaixonado que era por cavalos de corrida. Pouco jogava, sendo mais um apreciador.

Com o amigo Luiz Cláudio, médico cirurgião com o qual dividia um apartamento no Jardim Botânico e que era outro amante do turfe, dirigiram-se para a tribuna de honra e escolheram uma fileira intermediária, onde se acomodaram.

Enquanto aguardavam o próximo páreo, visualizou-a, a uns poucos metros de distância. Alta, loira, com os cabelos soltos, usava um vestido estampado, onde a tonalidade esverdeada predominava. Com um binóculo, descortinava as redondezas e conversava com um Senhor sentado ao lado. Imaginou que seria o pai, pela aparente diferença de idades.

Concentrou-se naquela visão e, num relance, viu-lhe o rosto. Pareceu-lhe conhecido, mas por mais que tentasse não conseguiu se lembrar de quem se tratava.

Resolveu apostar no próximo páreo, animado pelo amigo. Dirigiram-se ao guichê de apostas, onde uma pequena fila começava a se formar. Quando reparou, a loira estava logo atrás.

--Alguma barbada? Ela perguntou.

--Bem, seguirei a indicação desse meu amigo. Respondeu José Luiz e apresentou Luiz Cláudio, que emendou: parece-me que o número 3 tem boas chances de vitória, além de estar sob a direção de um competente jóquei.

--Meu pai acha que Valery não perde este páreo. É um dos favoritos, não paga muito, mas quem sabe podemos jogar uma dupla com o seu número 3? --Disse Paula, que então já se apresentara. Apontou o pai à distância, que confabulava com alguns homens, era conhecido como sendo profundo pesquisador e produtor de cavalos, além de proprietário de um haras em Petrópolis.

Após apostarem, desceram para os locais de origem, foram apresentados a Júlio, pai adotivo de Paula, e convidados a ficarem juntos, "alimentando a conversa", segundo falou a moça.

E assim permaneceram, trocando ideias e informações, até o desenrolar do páreo. Venceu mesmo Valery, mas todos acertaram a dupla com Champagne, o número 3.

--Você me deu sorte! Afirmou José Luiz, enquanto recebia o prêmio.

--Ora, você também, já que não jogaria jamais em Champagne, que em outra ocasião me deixou a ver navios.

Regressaram à tribuna e continuaram a conversa. Paula contou que Júlio a adotara, mas o considerava como o melhor pai do mundo. Sua mãe, Lívia, tivera um relacionamento amoroso quando era jovem, solteira, e morava em São Paulo, mesmo sabendo que o homem era casado. Engravidara, jamais culpara o amante pelo acontecido, ainda mais que ele

registrara a filha em cartório, após o consentimento da própria mulher, que acabou perdendo aquele “pulo da cerca”, considerando que estava em gestação na ocasião. Fora uma aventura e que tudo seguisse o rumo normal, mas que o mínimo a fazer seria reconhecer a filha como legítima.

Paula estava com 21 anos, a mesma idade de Roberta, irmã de José Luiz, então com 25. Júlio se apaixonou por Lívia logo após o nascimento de Paula e rapidamente os dois se casaram. Pouco depois, foram residir em Londres, onde passaram oito anos, ele engenheiro eletrônico e empresário destacado no setor de eletrodomésticos, com derivações no Brasil e no exterior. Foi na Inglaterra que se interessou por cavalos de corrida, o que o levou a investir em um haras tempos mais tarde.

Com o decorrer dos acontecimentos, Paula nunca mais ficou sabendo do pai biológico e, além do mais, o amor de Júlio por ela era total. Ele tudo fazia pelo que chamava de “minha princesinha que caiu do céu”.

A tarde zuniu. Ao se despedirem, Paula deixou claro o interesse por José Luiz. Não sabia o porquê, que a fazia querer estar junto do rapaz, enfim... Ele sentia igual sensação, parecia que Paula lhe era mesmo de certa forma conhecida. Não era bem o seu tipo de mulher, mas possuía um encantamento natural, capaz de cativar qualquer homem de pedra.

--O que fará no feriado de terça-feira? Ela arguiu.

--Não tenho nada marcado, por quê?

--É meu aniversário, gostaria que vocês fossem. Vamos comemorar com um almoço no Porcão da Barra. Que tal às quatorze horas?

--Infelizmente, tenho um compromisso agendado, explicou Luiz Cláudio.

--Mas o meu estou agendando agora, disse José Luiz. Estarei lá, com o maior prazer.

Júlio notou o interesse da filha, não desaprovou, mas quando regressavam para o lar, aconselhou-a procurar sondar a família de José, ainda que se tratasse de um médico e de uma pessoa educada, polida e simpática.

José, por sua vez, foi invadido por uma ansiedade, que não sentia desde a faculdade, nas aulas práticas de Anatomia.

Foi o primeiro a chegar ao Porcão. Logo em seguida, chegaram Paula, Júlio e Lívia. A filha era parecidíssima com a mãe, uma mulher que chamava a atenção pela beleza e pelo porte. Justificava os elogios feitos por Júlio.

Viram que tudo caminhava a contento e então começaram a conversar.

--Qual o seu nome completo, perdoa-me perguntar? De repente precisarei de uma consulta, quem sabe? Disse Lívia.

--Claro que não tem problema, meu nome é José Luiz Vonner Neto.

--Lívia e Paula se assustaram. Como? Perguntaram juntas. O que você é do Fernando Vonner? E da Vilma?

--Sou filho deles! Conhecem meus pais?

Dê-me cá um abraço, meu jovem! Conheci você quando era bebê. Com os olhos marejados, apontou para Paula, dizendo-lhe: abrace sua irmã, meu querido, você dois são filhos do Fernando! Paula sempre quis conhecê-lo. Ei-lo, minha filha, creio ser o seu maior presente de aniversário.

Os dois deram um longo abraço, chorando copiosamente.

CONSULTA MARCADA

Quando meu primo Jorge Luís era pequeno e seus pais Jorge e Maria Helena residiam na Vila Militar de Lorena, mensalmente ele era levado até a capital de São Paulo, para consulta médica com o pediatra da família. Na ocasião, os pais de Maria Helena, Mário e Mercedes, meus padrinhos de batismo, bem como minha querida avó Senhorinha, também moravam na mesma Vila. Tio Mário era coronel do Exército, servindo no Quinto Regimento de Infantaria, sediado naquela cidade do Vale do Paraíba.

As idas para São Paulo eram sempre feitas por trem. A estação ferroviária era bem próxima, a viagem mais tranquila e atraente, além de mais barata. O trem costumava passar na estação de Lorena às seis horas da manhã.

Em um belo dia de consulta marcada, ficou a cargo de vovó despertar a turma toda às cinco horas. Ela era de pontualidade britânica, sempre preocupada com os horários.

Todos vestidos, cafés tomados, prontos para saírem, quando alguém gritou: Epa, são três horas da manhã!

Bem, já que estavam todos arrumados, resolveram aguardar nas poltronas da sala. Acordaram às sete horas, com a empregada tocando a campainha!

PANOS RÁPIDOS DE HUMOR

1 Um dos meus primos cursava a AMAN, Academia Militar das Agulhas Negras. Em um dado dia estava sendo feita uma inspeção de surpresa, o oficial inspetor percorrendo todos os locais e verificando se os cadetes cumpriam a rotina. Entrando no banheiro e encontrando uma porta cerrada, esbravejou:

-Quem está aí dentro?

O cadete, sem saber do que se tratava e sentado no vaso sanitário, não titubeou:

-O Sunda! E cagando!

A resposta foi imediata:

-Pois então avise a ele que limpe a bunda, lave bem as mãos e me acompanhe até o xadrez!

2 Anos depois, o mesmo militar acima citado, então coronel da reserva do Exército e engenheiro diplomado pelo Instituto Militar de Engenharia, estava trabalhando em uma empresa, quando necessitou contratar alguns profissionais. Recolheu os currículos dos candidatos que se apresentaram e iniciou o processo de seleção. Um deles era o de um colega de turma, também oficial da reserva. Logo após os dados pessoais, vinha o texto por ele digitado:

-- “Deixo de fazer referências sobre minhas habilidades e conhecimentos profissionais, uma vez que o Exército exige sigilo absoluto.”

3 Lá pelos idos de 70 surgiram os primeiros carrinhos para transporte de compras nos supermercados. Um dos meus primos fazia o curso de Estado-Maior do Exército e sugeriu que a esposa fosse até a COBAL, recém- inaugurada em Botafogo, para aproveitar ofertas anunciadas. Lá foi ela e, com meia hora de compras, não conseguira se acertar com o tal carrinho. As frutas escorriam pelas frestas, as verduras amassavam, o carrinho era duro e difícil de conduzir. Ela então foi procurar o gerente e nem teve tempo para reclamar, pois ele foi logo dizendo: --Madame, a Senhora está colocando as compras no carrinho de transporte de lixo!

4 Adido Militar no Peru, em Lima, pediu que o filho, já arrastando um Portunhol, fosse até uma farmácia para comprar esparadrapo. O garoto se dirigiu ao farmacêutico: “Amigo, tienes por acaso una tira, de color blanca, asi colante, encerrada em envoltório redondillo para poner em heridas?”

Ah! Disse o homem sorrindo: Si, quieres esparadrapo!

5 Conheci um oficial do Exército, do quadro de oficiais auxiliares, que era citado pelas estórias dele, contadas por outros. Uma delas foi quando o motor do seu automóvel fundiu. Não tendo recursos para fazer o reparo, apelou para uma tentativa de empréstimo financeiro. Sugeriram-lhe que procurasse o Chefe , mas já levando um nome de algum avalista. E lá foi ele conversar com o coronel, um tremendo brincalhão, que ouviu os argumentos do oficial, disfarçando seriedade:

--Ser avalista e contrair um empréstimo exige muita responsabilidade! Seu avalista examinou bem a questão?

--Sem dúvida, coronel, ele me conhece bem, é meu amigo, sabe que eu não o deixaria na mão.

--Entendo, mas diga-me uma coisa: --E se você morrer?

--Como, Chefe, então o Senhor acha que eu faria uma coisa dessas com um amigo?

6 Esse mesmo oficial foi certa vez chamado pelo chefe, que lhe pediu para conversar com o seu filho mais velho, um rapazola, que vivia perseguindo as moçoilas da cidade de Piquete, causando alguns inconvenientes. As jovens eram filhas de operários que trabalhavam na Fábrica Presidente Vargas, do Exército, de modo geral com condições sócio econômicas mais humildes.

O oficial fez questão de chamar o filho e lhe fazer uma chamada de atenção perante o coronel: O Chefe tem toda a razão, isso não tem o menor cabimento. Vai que você engravida uma moça dessas e acaba criando problema para todos nós! Se ao menos fosse a filha de um oficial companheiro de trabalho!

7 Na AMAN, Academia Militar do Exército, em Rezende, Rio de Janeiro, os cadetes concorrem às diversas escalas de serviço durante o dia, distribuídos por locais e horários determinados. Os cadetes estrangeiros que porventura estejam lá, realizando o curso, o que acontece anualmente, também fazem parte das escalas de serviço.

Um dos postos de serviço era no Portão principal de entrada da Academia. Em dada ocasião, lá estava de serviço um cadete estrangeiro, de nacionalidade sul-americana. Quem conhece a bela Academia, sabe que existe uma razoável distância do Portão até o prédio da administração e Comando.

Um tenente, oficial de serviço nesse prédio, recebeu um comunicado, do cadete que estava de serviço no Portão: - Senhor, autorizei a entrada de um carro negro, conduzindo um general!

Não tendo recebido informações anteriores sobre tal visita, o tenente acionou imediatamente o Comando e o cerimonial devido àquela autoridade. O Comandante chegou a tempo, no exato instante em que o carro preto estacionava junto à porta de entrada do prédio. Desceu então um senhor, de terno, bem apessoado, enquanto a guarda de honra formada cumpria os toques de continência. O cavalheiro, sem entender nada, dirigiu-se ao Comandante: - Bom dia, sou o Dr. Alfredo, representante da General Electric e gostaria de falar com o Chefe da Intendência!

8 Um dos meus primos, militar reformado no posto de Coronel do Exército, é um mestre da culinária. Quando servia em Manaus, como Chefe do Estado-Maior do General Comandante da Amazônia, costumava, nos finais de semana, reunir amigos das três Forças Armadas que lá também serviam e promover almoços comunitários, todos dividindo despesas e ele assumindo a cozinha.

Era um sábado, véspera de Páscoa, tudo estava acertado para o almoço no dia seguinte, quando surgiu uma inesperada viagem à serviço.

Meu primo então avisou que não poderia preparar a comida, pois viajaria na manhã de domingo.

Foi uma tristeza, os ingredientes já haviam sido comprados e mais ninguém se considerava apto para assumir a cozinha. Contudo, os apelos foram tantos que, como sempre solícito, o primo prometeu acordar de madrugada e preparar o tutu à mineira.

Decidido, ele consultou a esposa, antes de dormir: --Temos gás suficiente no botijão? -- Temos, fique tranquilo quanto a isso, respondeu ela.

Ele programou o despertador e se levantou às três e meia e... mãos à obra. Com surpresa, o gás acabou em poucos minutos. Pau da vida, ele colocou uma roupa qualquer, toda amassada, um botijão vazio no carro, uma sandália e saiu pelas ruas desertas e ainda escuras do bairro. Após rodar por uns dez minutos, viu um posto de gasolina. Parou onde pode, botijão no ombro e, vendo um vigia, perguntou-lhe, estando a uns dez metros dele: -- Companheiro, será que tem por aí um botijão de gás para arrumar aqui pro teu irmão?

O vigia pegou uma vassoura que estava próxima, levantou-se e esbravejou: -- Se manda, seu pingüço, antes que eu chame a polícia!

Não sei se houve o tal tutu.

VISITA DO MINISTRO DA GUERRA

Certa vez o Ministro da Guerra, com uma comitiva, foi visitar e inspecionar a Fábrica Presidente Vargas, em Piquete, cidade próxima de Lorena. Na hora do almoço, um capitão se sentou ao lado de um coronel da comitiva. Ao saber que se tratava de um oficial do Gabinete e muito ligado ao Ministro, resolveu lhe pedir um favor.

--Coronel, o Senhor veio em boa hora. Sabe como é, né, esta Fábrica é de pólvora e tem coisas que não pegam bem. Por exemplo, nas formaturas diárias, quando comandado o “fora de forma marche”, a debandada, com todos gritando, fica parecendo indisciplina. Inventei uma maneira bem mais de acordo, que poderia ser, inclusive, padronizada para todas as fábricas semelhantes. Gostaria que o Senhor levasse a sugestão para o Ministro.

--E qual é a invenção, perguntou o coronel.

--O seguinte: todos em formatura e no momento do “Fora de forma, marchem”, ergueriam o braço direito e gritariam BUM! O Senhor imaginou mais de cem soldados gritando bum ao mesmo tempo?

--É Capitão, ficaria um bunzão bem bonito! Faça uma sugestão por escrito!

O MACACO DA SORTE

A roda de pôquer nas noites das sextas-feiras era coisa sagrada para um grupo de amigos da Assembleia Paraense, em Belém do Pará. Entre jogo, conversas e bebidas, a madrugada era varada e normalmente tudo terminava com o nascer do Sol.

Alcindo fazia parte desse seletto grupo e certa vez, já completamente sem um tostão nos bolsos, resolveu regressar para a sua casa a pé. Imaginava a desculpa por não levar os pães quentinhos e o leite, o que costumava fazer nas manhãs de sábados. Caminhava se penitenciando, reconhecendo que fora imprudente. Com uma trinca de reis não deveria ter duplicado a aposta. Afinal, a família não poderia passar pelo sufoco de não ter um café da manhã à altura.

Andara alguns quarteirões, quando notou, uns cem metros à frente, um grupo de pessoas paradas na entrada da garagem de uma casa. Aproximou-se e foi assuntar. Era um velório. O morador da residência tivera um infarto fulminante durante a noite e a sua esposa, com muita dificuldade, conseguira que a agência funerária tomasse as providências primeiras.

Alcindo conversou com vários conhecidos do morto, o Jacinto, e em poucos minutos ficou sabendo da vida dele, profissional e particular. Ele estava aposentado, fora funcionário do Banco da Amazônia, não tinha filhos e nem parentes em Belém. Sua esposa, Lidéia, era amazonense, de família pobre e sem contato com os parentes que moravam no interior, há muitos anos.

Quando soube que na sala da casa ocorria o velório e que farto lanche estava sendo servido, com a cooperação dos vizinhos, o que era costume tradicional na época, Alcindo resolveu entrar, logo se servindo de um sanduíche de queijo e de um café com leite, já bolando como levar alguma coisa para o desjejum familiar.

Junto ao caixão de Jacinto, fez uns meneios com a cabeça, debruçou-se e começou a orar, salpicando elogios para o defunto. Alguém se aproximou, enlaçou-o pela cintura e agradeceu. Depois falou: --Pois é, vejo que era muito amigo do meu marido, mas Deus assim quis levá-lo! Alcindo emendou: --É, minha amiga, assim é a vida. Conheci o Jacinto quando ele trabalhava no Banco da Amazônia e eu no Banco do Brasil. Estou à disposição, se precisar de algo.

--Agradeço muito, e realmente estou precisando de auxílio. Imagine que não tenho dinheiro para fazer o enterro, dei um cheque sem fundos para segunda-feira, não sei como farei. Estamos no final do mês, Jacinto só receberia o salário no começo do mês que vem. Será que o Senhor poderia quitar o cheque e depois eu o pagaria? Posso até lhe mostrar o bilhete de pagamento do meu marido para provar que falo a verdade.

--Não, não se incomode. Passe-me o recibo dado pela funerária.

Ainda hoje acertarei tudo com eles. Qual o horário previsto para o enterro?

--Eles virão buscar o caixão no final da tarde.

--Tudo bem, pode deixar comigo.

Ao se despedir, ainda ganhou alguns sanduíches para levar.

Estava satisfeito, o café da manhã da esposa e dos filhos não mais preocupava. O leite, conseguiria comprá-lo fiado na padaria da esquina.

Perto de casa, encontrou-se com Gabriel, o amigo bicheiro, que falou: Hoje haverá extração às doze horas, não quer aproveitar? Já que sempre fazia uma fezinha, para pagar depois, deu uma parada, pensou e sorriu, lembrando-se que no velório de Jacinto alguém se expressou: -- Coitado do Macaco, não era tão velho assim!

Pronto, jogaria no macaco. Grupo, dezena, centena e milho!

Foi o que fez. Pegou o comprovante e seguiu o rumo de casa, dizendo: --Passe lá e pegue o dinheiro deste jogo ainda hoje.

Acordou perto das duas horas da tarde, com a mulher Regina e as crianças fazendo um escândalo. O bicheiro acabara de sair, deixando uma bolada de dinheiro e já tendo retirado o que Alcindo ficara devendo. Ele cravara o milho, centena e dezena, ganhara um bom dinheiro.

Lembrou-se do Macaco! Vestiu-se apressadamente, foi à funerária, quitou o cheque dado por Lidéia e encomendou uma coroa de flores, com os dizeres: --Ao saudoso Macaco, com eterno reconhecimento dos amigos Alcindo Babuíno, José Sagui e Chico Mico.

No necrotério foi tratado como um grande amigo do defunto. proximo-se de Lidéia, antes de se retirar, dizendo-lhe: tome aqui o seu cheque e não precisa me ressarcir. O pessoal da confraria dos macacos fez uma vaquinha e está tudo pago.

UMA NOITE PARA ESQUECER

Exatamente à meia-noite, iniciando um novo dia, deu-se o apagão. O ar condicionado parou de funcionar, o calor começou a incomodar e o jeito foi escancarar a janela, mesmo diante de algumas possibilidades danosas. Afinal, o quarto de dormir tinha a janela

dando de cara com os fundos da casa, um extenso matagal. Uma mangueira fazia sombra contra o Sol, mas quase sempre permitia, em razão da folhagem próxima, a entrada de insetos, lagartixas e até calangos, quando a janela ficava entreaberta.

-- Acho que você não deveria abrir tanto essa janela. Lembra-se das cigarras que entraram e deram um trabalhão há três anos? Por isso é que instalamos o ar condicionado. Quem sabe a energia retorna logo? Disse a esposa Marília.

--Volta nada, os caras são uns incompetentes. Demoram horas para atenderem a um pedido. Deixa-me verificar se o problema é da rua. Retrucou Alcides, o marido, saindo cambaleando de sono. Retornou, cheio de palavrões: --Mas que porcaria, Marília, o apagão é só aqui em casa. O que será que houve? Liga aí para a Light, por favor.

Até que atenderam rapidamente. Os fortes ventos e as chuvas que caíram no início da noite causaram vários transtornos e não havia disponibilidade técnica para resolver a situação. Ficou a promessa de uma visita, mas nunca antes das oito horas da manhã.

-- Era só o que me faltava! Um calor desses, pouco dormi, tenho que chegar mais cedo no trabalho, para uma reunião dita importante, ou seja, hoje será um dia naturalmente desgastante, enfim... uma merda! Foi dizendo Alcides, andando de um lado a outro. Já suava em bicas.

A luz de uma vela não deixava o quarto escurecido, mas quase nada se via ao redor. Enquanto isso Marília, pouco se importando com o calor, dormia a sono solto. Alcides continuava andando por toda a casa, amaldiçoando a situação. De repente, um enorme barulho vindo da cozinha. O que poderia mais acontecer? Ele pensou, armando-se imediatamente com um guarda-chuva, única coisa disponível no momento. Acordou a mulher e comunicou-lhe o ocorrido.--Amor, deixa para lá, a casa está toda fechada, deve ser no vizinho ou então algo mal colocado por mim no armário e que caiu.

--Não, não, Marília, ouvi uma espécie de guinchos, parecendo uma briga, sei lá. Mas que tem algo errado tem! Tem certeza de ter fechado a janela da copa? Dá-me a vela que irei verificar.

Foi o que fez, pé ante pé, descalço. Quando a claridade penetrou na cozinha, foi um Deus nos acuda. O susto foi enorme, o pratinho com a vela caiu no chão, a fruteira no centro da mesa estava completamente repleta de cascas de banana, maçã, pera e pêssago, a geladeira aberta com quase tudo espalhado no piso e, apavorados, abraçados num canto da janela, que ficara aberta, uns quatro ou cinco micos arrepiados mostravam os dentes.

Deu-se uma correria desenfreada e que durou horas. Os micos se dividiram e até que todos deixassem a casa, lá se foi a madrugada.

Às sete da manhã, após longa faxina, Alcides retirou o carro da garagem e se aprontou para o trabalho. Calculou cerca de uma hora ali da Gávea, onde morava, até a Tijuca. Como um dos supervisores da empresa onde trabalhava, prezava a pontualidade, gostando de dar bons exemplos para os funcionários.

Quebrou o desjejum com um café requentado e se despediu de Marília, pedindo que ela telefonasse tão logo o pessoal da Light resolvesse o complicado problema. Entrou no carro e partiu, morto de sono.

Àquela hora, não teria como evitar o “rush” e o trânsito estava difícil. Mudou o caminho normal e seguiu via Lagoa Rodrigo de Freitas. Não contava com o engarrafamento no Túnel Rebouças, que o levou a chegar atrasado por mais de vinte minutos. A reunião programada já havia começado, mas foi autorizado a entrar. Sentou-se, e só pensava naquela madrugada de pânico.

Ouviu alguns comentários a respeito dos assuntos, nada falou, consultou várias vezes o relógio e ficou aliviado quando tudo terminou. Lá se foram duas horas de reunião.

Saiu da sala de reuniões e ligou para Marília. Apenas quis se informar a respeito do apagão.

--Ora, um vexame! Tentei me comunicar com você, mas estava em reunião. Imagine, o pessoal da Light esteve aqui e advinhe o que aconteceu?

--Sei lá, desembuche logo, garota!

--Pois é, os macaquinhos abriram o quadro elétrico na cozinha e desligaram os disjuntores. Só isso!

DONA BELA

Seu Salomão era um comerciante bastante conhecido na cidade de Lorena, São Paulo. Alguns dos meus primos que lá moravam, na década de sessenta, eram contumazes fregueses. A esposa de Salomão, Dona Bela, vivia sentada no interior da loja, junto ao caixa e sempre retirando, com uma pinça, os pelos que lhe cresciam diariamente no queixo.

Certa vez, Dona Bela adoeceu e foi parar na Santa Casa da cidade. Uma de minhas primas, animada pelo marido e em consideração a Salomão, resolveu visitá-la e, após se informar, entrou de surpresa no quarto da doente. Cumprimentou a mulher acompanhante e reconheceu a outra no leito, apesar do rosto praticamente encoberto por uma faixa de gases, tão somente pela barba rala no queixo. Então se aproximou, pegou uma das mãos da paciente e disse: -Oi, Dona Bela, como vai passando?

Quase moribundo, o doente levantou a cabeça levemente, dirigindo-se à acompanhante: - Veja, minha velha, passei a vida toda como homem e agora, à beira da morte, tratam-me como mulher!

Minha prima retrucou de imediato: - Ué, então o Senhor não é Dona Bela?

UMA FÁBULA

Dias de dificuldades para encontrar alimento, lá vinha uma raposa, feliz e satisfeita, logo após devorar um polpudo castor. Já na trilha que a levaria de regresso à casa, viu-se, de repente, diante de um leão idoso, magro e faminto. Imediatamente, pensou em um plano de fuga. Se corresse, mesmo um velho leão certamente a alcançaria. Preferiu dialogar.

--Pelo que vejo, meu rei está precisando se alimentar!

--Pois é, minha cara, já não tenho tanta força e maestria como antigamente, mas ainda dou para o gasto. Você não tem tanta carne, é visível, porém me saciará por um dia.

--Pode até ser, contudo logo surgirá uma matilha de hienas que está vindo em meu encalço e sem dúvidas, seremos comidos. Que tal seguirmos juntos até a minha caverna, onde tenho armazenado gêneros de todos os tipos, garantindo as refeições neste inverno?

--E onde você mora?

--Estava indo para lá, quando nos encontramos. São cerca de uns duzentos metros daqui, naquele vale! Disse, apontando.

--E como poderei acreditar que não serei atacado por outros colegas seus?

Quanto a isso, não se preocupe, minha família foi passar uns dias em companhia de parentes que moram próximo do rio. Fiquei encarregado de tomar conta do lar e dos alimentos que juntamos. Um deles é um gnu que deu um trabalhão para ser arrastado até a nossa gruta.

O leão empinou as orelhas, lambeu os beiços e respondeu: --OK, aceito o convite, vamos apertar os passos, as hienas poderão estar chegando. E lá se foram, descendo rapidamente o vale. A raposa agilmente retirou os galhos que obstruíam a entrada da caverna e convidou o leão a segui-la. Após penetrar alguns metros na escuridão, virou-se e apontou para um canto, no fundo, dizendo: --Olha amigo, bem ali tem um buraco, não é fundo, onde está o gnu. Pule e o devore, pois a sua fome me dá pena. Mais tarde discutiremos o futuro. Que tal?

O leão se dirigiu para o local, aproximou-se do buraco e sentiu o forte odor de carne de gnu. Sem pensar duas vezes, com toda a escuridão no ambiente, jogou-se avidamente no buraco, caindo em cheio sobre diversas hastes metálicas pontudas, que lhe atingiram o coração. Um rugir quebrou o silêncio e, poucos segundos depois, um grupo de raposas fez soar radiantes uivos de contentamento. Semanas garantidas com carnes de gnu e de um leão ludibriado!

Desde então a raposa passou a ser conhecida pela esperteza.

REBOLIÇO NO METRÔ

No banco ao lado, o menino tentava acordá-lo: --Vovô, acorda, chegamos na Pavuna!

O trem aproximava-se da estação terminal, mas o velho continuava sentado, com a cabeça apoiada no vidro da janela. Uma senhora falou: --Oi menino, não sabia que ele é o seu avô, pensei que estivesse sozinho. Daqui vi, inclusive, quando ele tirou um maço de notas de cem reais do bolso do paletó, colocando no bolso da calça, achando ser mais seguro. Você não prestou atenção, quando me debrucei atrás dele e lhe disse para ter cuidado? Ele respondeu-me agradecendo e dizendo que seria para comprar um carro novo. E então, sem mais nem menos, virou o rosto e ficou ferrado no sono.

O garoto ouviu, mas continuou a chamar o avô, então com mais veemência. Em seguida, puxando-o por um dos braços. A cabeça do velho foi para a vertical e tombou para o mesmo lado em que estava antes.

--Santo Deus, ele desmaiou, exclamou a Senhora! Dois homens se aproximaram auxiliando e um deles, segurando no pulso do Senhor, falou: -- Sou médico, ele está morto! Vamos avisar aos funcionários do metrô quando chegarmos à Pavuna.

O menino desatou a chorar e a muito custo acalmou-se, com auxílio de dois funcionários do metrô que foram chamados, logo que o trem parou na estação. Aí, com a voz ainda chorosa, explicou que o avô o criava, não tinha mais ninguém nesta vida, o que seria dele agora? Não conhecia nada naquele lugar, moravam em Botafogo e o avô fora até a Pavuna para comprar um automóvel. Voltou a chorar.

Um dos funcionários, penalizado com a situação, perguntou: --Quantos anos você tem? --Doze, respondeu o menino, soluçando.

A notícia havia se espalhado, o trem esvaziado, chegando um fiscal que, após conversar com os dois funcionários e com o garoto, retirou documentos e o dinheiro dos bolsos do finado, entregando tudo ao neto, pedindo que guardasse bem e dizendo-lhe: --Melhor você ficar com as coisas de seu avô, pois o corpo terá que ser levado para o Instituto Médico Legal. E cuidado com esse dinheirão aí! Já virá condução para levar o seu avô e você. Anotou o telefone da avó do menino, ele pedindo que não avisassem diretamente para ela e sim para a empregada de anos que saberia o que fazer e avisaria para o Marcos, um sobrinho dos avós.

Enquanto o fiscal e os funcionários trocavam ideias sobre quem telefonaria para a casa da avó do garoto, ele alegou estar apertado, precisava fazer xixi. Um dos funcionários o levou, subiram a escada e o menino foi para o lugar apontado, dizendo que voltaria logo.

Passaram-se cinco minutos e nada dele.

Enquanto isso, o fiscal ligou para o telefone da avó: --Alô, quem fala?

--É da residência do Doutor Jurandir!

--Minha Senhora, eu poderia falar com a sua serviçal?

--Sou eu a empregada, deseja o quê?

--A notícia não é nada boa. Sou fiscal do metrô, estou aqui na estação da Pavuna e o Senhor Bertoldo acabou de falecer. O neto está inconsolável e me pediu para falar com a Senhora e não com a avó e que era para avisar o Senhor Marcos.

--Espera aí, não estou entendendo nada, aqui não mora nenhum Bertoldo, o Doutor Jurandir e Dona Diva residem nesta casa há mais de trinta anos, o Senhor ligou para o número errado. E desligou.

O fiscal consultou o número que havia ligado, começou a raciocinar, sem querer acreditar no que lhe veio à mente. No mesmo instante, acomodado no interior de um ônibus, o menino, entre sorrisos e projetos, imaginava o que iria fazer com tanto dinheiro!

II- ECOS DA VIDA MARINHEIRA

UM MISTÉRIO

Quando cheguei em Ladário, no posto de Primeiro-Tenente, assumi a função de Chefe de Máquinas do Monitor Parnaíba, um dos navios lá sediados e subordinados ao comando da Flotilha de Mato Grosso, por sua vez subordinada ao Comando Naval de Ladário, hoje Sexto Distrito Naval. A Flotilha era constituída por três navios, sendo dois monitores e um navio tanque, além de outras pequenas embarcações e de um prédio administrativo.

As viagens eram constantes, no leito do rio Paraguai, em cumprimento de missões programadas, de adestramento, exercícios combinados e conjuntos, atendimentos assistenciais às populações ribeirinhas e representações diplomáticas em cidades estrangeiras.

A navegação fluvial era difícil, não existiam cartas náuticas para aquela região, os canais navegáveis mudavam e os calados dos navios, sendo altos, provocavam encalhes com alguma frequência.

Os comandantes seguiam então as orientações dos práticos, habilitados para a navegação ao longo dos rios locais. Eles pertenciam ao Quadro de Práticos, todos suboficiais graduados, com experiências e conhecimentos de cada trecho de rio e se orientavam por meio de roteiros feitos à mão, atualizados frequentemente e que continham pontos conspícuos existentes nas margens, como fazendas de gado, comunidades ribeirinhas, casebres, pequenas construções, árvores de grande porte, braços de riachos etc.

Normalmente embarcavam dois ou três práticos em cada navio, que cumpriam turnos de serviço, como ocorria com toda a tripulação.

Um desses profissionais era o Suboficial Platão. Profundo conhecedor das artimanhas do rio, bastante respeitado pelos superiores e subordinados, pela postura militar e fino trato para com todos. O que aconteceu com ele e que ora relato, não fui testemunha, pois ocorrera antes de minha chegada à Ladário. Todavia, os militares mais antigos na área, oficiais e praças, e funcionários civis da Base Fluvial e das outras Organizações Navais subordinadas ao Comando Naval, referendaram os fatos.

Certo dia, em plena madrugada, Platão se dirigia à sua residência, caminhando. Acabara de entrar na rua onde morava, quando divisou uma pessoa, ao longe, vindo do sentido contrário. Com receio, atravessou para o outro lado da rua, notando que a criatura fez o mesmo. Já mais de perto, observou que se tratava de uma pessoa idosa e que usava uma bengala. Deixou que ela se aproximasse e lhe dirigisse as palavras: - Não se assuste, preciso lhe dar uma informação. Dou-lhe, a partir deste momento, o dom de retirar verrugas das pessoas que se sintam incomodadas por elas. Bastará que o Senhor toque ligeiramente a verruga, faça uma pequena prece e firme o seu desejo de retirá-la. Fez uma parada e complementou: mas preste bem atenção, jamais aceite qualquer pagamento ou presente por isso. E se despediu.

Incrédulo, porém agradecendo, Platão seguiu em frente, antes dando uma olhada para trás. A Senhora havia simplesmente sumido. Assustado, ele apressou os passos e entrou no lar. Nada comentou.

Uns dias se passaram, até criar coragem para dividir a experiência com amigos mais chegados. A gozação foi geral, as brincadeiras surgiram, até que lhe apresentaram um marujo, que estava com uma verruga de razoável tamanho e que o incomodava. Tanto lhe pediram que Platão cumpriu o ritual. Concentrou-se, fez uma prece com o dedo indicador sobre a verruga e, para surpresa geral, a verruga saiu inteira, sem deixar qualquer marca na pele!

Foi o bastante para a notícia se espalhar. Nos dias seguintes, dezenas de pessoas com verrugas foram atendidas por Platão, com sucesso. Na cidade, a fama se expandiu e muita gente passou a fazer fila na porta da casa dele. E atendia a todos.

Em dada ocasião ele foi solicitado a comparecer a uma residência de uma senhora de muitas posses, mas que não conseguia se locomover com facilidade e que era crivada de verrugas. Ele foi, dando conta do problema e a mulher quis presenteá-lo de qualquer modo, ouvindo, porém, que não poderia aceitar, que ele havia sido um instrumento da vontade de Deus, para auxiliar o próximo nos desconfortos causados por verrugas. E se despediu.

Poucos dias após, quando tentou, sem sucesso, retirar algumas verrugas de uma pessoa, Platão se viu em apuros. Perdera o dom! Insistiu, e nada! Mais tarde, ficou sabendo que a esposa, inocentemente, aceitara um caríssimo presente enviado pela tal senhora atendida anteriormente.

Mesmo com a devolução, o dom não retornou.

QUE SITUAÇÃO!

Ladário, 1974. Era um domingo, eu dormia até mais tarde em minha residência e Myrian, minha esposa, havia saído, com outras vizinhas, para a missa dominical e auxílio voluntário para com as obras sociais da paróquia local.

Minha filha Christine, com menos de dois anos de idade, dormia em nosso quarto, em um bercinho baixo, forrado em volta com almofadas, para minimizar possíveis quedas. Ela sabia descer e o fazia com desenvoltura, sempre escancarando um lindo e irônico sorriso, de quem sabe que está dando um golpe.

De repente, senti-me num estado de ligeiro torpor e, entre dormindo e acordado, sob duas sensações contrastantes: um cafuné gostoso na cabeça e simultaneamente um peso sobre o estômago.

Acordei de vez. Um cheiro insuportável! Christine nuazinha, sentada sobre minha barriga, completamente envolta em cocô, lambuzava-me sorridente, com as duas mãozinhas, espalhando tudo pelo meu corpo.

--Tô pintando o papai! Dizia, batendo palmas.

Fiquei alguns segundos meio que sem ação e depois a peguei no colo, entrando debaixo do chuveiro. Acho que foi o banho mais longo que tomei na vida. E ela rindo!

ACONTECEU COMIGO

Em meados de 1971, eu estava na função de Assistente do Comandante da Flotilha de Mato Grosso, na época o saudoso Chefe e particular amigo, Comandante Hamilton Martins Pereira da Silva, que tinha como apelido, desde os bancos escolares na Escola Naval, “O Porquinho”, alusão com um dos personagens dos conhecidos quatro porquinhos, pelo que sei.

Na função, eu era responsável não só pela agenda diária com os compromissos do Chefe, mas o auxiliava, também, no controle, distribuição, fiscalização e aplicação de todas as verbas destinadas aos navios e embarcações pertencentes à Flotilha, bem como no controle dos programas de reparos, de manutenção e conservação do prédio e das viaturas do Comando.

Estava para vencer o prazo de revisão da Kombi da Flotilha e eu havia contatado a concessionária, para que o veículo fosse levado para lá em uma

dada sexta-feira, quando haveria a licença mensal de pagamento, não havendo prejuízos para o serviço normal. Avisei ao motorista que o acompanharia na faina, aproveitando que precisaria mesmo conversar com

o gerente da concessionária a respeito de uma compra de pneus para as viaturas.

Na hora combinada, eu e o motorista, de nome Feliciano, seguimos de Ladário para Corumbá, distante cerca de seis quilômetros. No meio do caminho, eis que uma vara com quase dez porcos, liderada por uma enorme e lenta porca, que atravessava calmamente a estrada, única que permitia darmos continuidade à tarefa de chegar ao destino.

O Feliciano buzina, e nada. Uma fila de carros começou a se formar, até que uma alma caridosa, um andante que passava, colaborou, tocando a porcaria.

Mal chegamos à concessionária, bem no centro do pátio frontal, um vendedor de bilhetes da loteria federal anunciava, aos berros: --olhem o bilhete premiado para amanhã, o porco! São três séries, com prêmio total de três milhões!

O Feliciano gritou: --Chefe, que coincidência, o bilhete do porco!

--É mesmo, agora é que não compro! Retruquei.

--Mas.. o Comandante Hamilton também tem apelido de porco, não acredito que o Senhor não compre, pelo menos uma fração! Nem que seja para ajudar aquele velhinho vendedor de bilhetes. Conheço ele, vive disso.

--Está bem, chame ele aqui. Perguntei se tinha outro bilhete que não fosse o de um porco e acabei comprando uma série toda de outro bicho. Nunca mais me esqueci da perplexidade do Feliciano, quando viu o número do bilhete do porco: 34369. Ele me alertou: --Chefe, não é só o porco, olhe o número, é quase a placa do seu carro particular, que é 34368. Por um algarismo!

Contra a minha vontade, o Feliciano comprou cinco frações do porco. Desfilei-lhe mil objeções, avisando-o que, a partir de então, não me viesse pedir vales em dinheiro emprestado quando ao final do mês o salário tivesse acabado. Acontecia com frequência. Fomos embora, cada um seguindo o seu rumo.

Quando o Feliciano foi à minha residência, lá pela caída da noite, ouvi dele: --Chefe, segui o seu conselho, vendi três frações das cinco que havia comprado. Não quero perder o crédito para vales futuros.

Ok, falei, mostrou sensatez, não podemos prejudicar a família, jogando dinheiro fora com joguinhos de azar.

Como sempre, aos sábados, eu e minha esposa íamos fazer as compras da semana, em Corumbá, onde o comércio era vasto e mais em conta. A cidade não era muito grande e o Centro possuía todo um aglomerado comercial. Mal nos aproximamos do mercado, começamos a ouvir um tremendo de um foguetório e ficamos imaginando qual o santo do dia. Estacionei o carro e fui em direção ao barulho. Vinha da casa lotérica.

Corumbá havia sido premiada com o prêmio maior da loteria federal, bilhete, pasmem, 34369.

Fiquei quase que petrificado. Deixei de ganhar um dinheirão. E lembrei-me do Feliciano. Fi-lo vender três frações. De qualquer forma, ele havia ganhado duzentos mil. E nunca mais pediu um vale qualquer.

UMA PREMONIÇÃO

Em 1966 eu estava servindo no Navio Aeródromo Ligeiro Minas Gerais, no Departamento de Aviação, como Encarregado da Divisão de Armamento da Aviação. Em consequência, durante as viagens, dava serviço de acordo com a escala do Departamento, feita com antecedência pelo Capitão-Tenente mais antigo da escala.

Estava cumprindo o meu quarto de serviço, no posto existente no Convés de Vôo, na base da superestrutura conhecida como “Ilha”, quando recebi a ordem para a decolagem de um helicóptero, que cumpriria uma missão determinada por plano de voo. A aeronave já estava posicionada à boreste, à vante da Ilha, piloto e co-piloto à bordo, em comunicação rádio comigo, iniciando um check-list.

Da porta da cabine onde eu me encontrava, eu via o helicóptero se preparando, quando, de repente, o vi decolando por boreste e se projetando no mar. Peguei um marcador de fumaça que sempre havia disponível e, começando a correr, vi a aeronave pousada, o piloto sem entender e muito menos um major da FAB, pertencente à Aviação Embarcada e que estava comigo na cabine. Apenas avisei: treinamento! e continuei a finalizar o check-list.

Pois bem. Autorizei a decolagem, e o helicóptero fez exatamente a trajetória que eu havia visto, caindo no mar, bem próximo do navio. Então alguém lançou o marcador de fumaça, o Comando tomou todas as providências e os pilotos resgatados sem quaisquer ferimentos. Mais tarde fiquei sabendo que normalmente a manobra de decolagem era feita por bombordo, já que, com o navio navegando e dadas as condições do vento, sair por boreste poderia ser perigoso, em razão de correntes de ar descendentes sobre o helicóptero.

O piloto deveria ser muito experiente para tal. E era, um dos mais! O co-piloto era um dos meus colegas de turma, o Javerson. Não me lembro quantas doses de uísque andou bebendo logo depois, na Praça D’Armas, até recuperar o fôlego.

EXPOSIÇÃO ITINERANTE EM CÁCERES

No primeiro dia de dezembro de 1975, eu estava Imediato do Navio Transporte Fluvial Paraguassu, sediado em Ladário, Mato Grosso do Sul e exercendo o comando interino, uma vez que o Comandante entrara em licença dois meses antes, a fim de se preparar para o concurso ao Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Guerra Naval e também gozar férias regulamentares.

Nessa situação, adotava as últimas providências para a próxima comissão do navio, que seria uma viagem de Ladário ao porto de Cáceres, em Mato Grosso, a fim de, naquela cidade, montar uma exposição itinerante, à bordo, relativa ao Dia do Marinheiro, 13 de dezembro, atendendo a inúmeras sugestões feitas ao Comando Naval de Ladário, por autoridades civis e militares do Estado.

Seriam oito dias de viagem, sendo quatro deles no porto, com visitação aberta para o público conhecer o navio e a exposição.

Naquela época, a navegação fluvial ainda era auxiliada por práticos, profundos conhecedores dos rios navegáveis, dos locais mais seguros para os calados dos navios, dos principais pontos conspícuos, tanto de dia quanto à noite. De vez em quando, porém, ocorriam alguns encalhes. Precavendo-me, procurei fazer um planejamento, juntamente com os oficiais e os três práticos, Sub-Oficiais do Quadro de Praticagem designados para a comissão.

A maior preocupação era a sinuosidade dos rios e a corrente a ser vencida. Como fator de força, o Paraguassu tinha um motor central e dois laterais, que facilitaríamos as manobras.

À medida que seguíamos navegando e nos afastando de Ladário, foram surgindo as primeiras dificuldades, como passagens por locais de estreitos talwegues, por curvas em S seguidas, pelas barrancas das margens bem próximas em alguns trechos, obrigando-nos, por segurança, a navegarmos em velocidades pouco acima da necessária a vencer a corrente contrária.

No comando, não tive como me afastar nas vinte e quatro horas iniciais. Alguns esparsos cochilos no Passadiço, com ordens ao Prático para me manter ciente de tudo. Nada diferente das responsabilidades na vida de um oficial de Marinha, especialmente cumprindo missões no mar.

O dia seguinte corria normalmente durante a manhã, quando o Chefe de Máquinas me anunciou que o motor de boreste sofrera uma avaria e não teríamos como reparar, pois não havia sobressalente à bordo. O Prático então indicou-me os problemas que teríamos para manobrar quando, na curvas mais acentuadas do rio, sem o motor de boreste. O cuidado maior deveria ser quando as curvas fossem para boreste, com o motor de bombordo acionado e que poderia, mesmo em velocidade reduzida, provocar uma colisão com a barranca da outra margem. Ou seja, o timão, nas mãos do prático e as ordens para a Praça de Máquinas com cumprimento imediato seriam fundamentais.

E assim prosseguimos, até que, em um dado momento, o navio foi direto para a margem direita, que não tinha barrancos e sim uma espécie de praia. A velocidade era baixa, o navio parou, motor central acionado a ré, não chegamos a encalhar. Contudo, existiam algumas árvores junto à margem e, de repente, dezenas de micos despencaram na embarcação e rapidamente se espalharam para todos os lugares.

Foi uma tremenda correria, a tripulação atônita, uns se escondendo, mas outros, acostumados com situações parecidas, sugeriram o que afinal acolhi: cachos de banana bem no bico de proa, o navio mantendo-se próximo da margem, voluntários marinheiros da terra (nascidos nas regiões do Estado), fazendo uma varredura em todo o navio, obrigando os micos a tomarem a direção da proa e então rancho geral para a macacada que, saciada e cercada por um grupo da tripulação, regressou para terra como puderam. Depois fomos para Cáceres, atracando na data-hora prevista, apesar dos pesares. Logo depois uma praça se apresentou, carregando um mico no ombro e perguntando se poderia ficar com ele, que iria comprar uma gaiola em Cáceres etc. A cara de pidão do animal me dobrou e então autorizei, com as ressalvas necessárias, uma delas a urgente vacinação do animal.

MARIA JAPONA

Todos os militares da Marinha, da minha geração e de muitas outras abaixo, conheceram a Maria Japona. Das acima, nem se fala. Não sei a história verdadeira da sua vida, a não ser que era natural de Pernambuco, teria nascido em 1920 e que se chamava Maria de Lourdes, tendo registro de identidade expedido pelo SIM (Serviço de Identificação da Marinha). Diziam que ela sofrera um trauma com a perda do marido, um marinheiro, desde então mostrando sequelas mentais.

Maria cultivava uma certa paixão pela classe marinheira, os homens da gola, como afirmava, mas não nutria simpatia pelos fuzileiros navais e pelas mulheres. Nomeara-se Rainha da Marinha, confrontando o título dado à cantora Emilinha Borba, na década de cinquenta, se não me engano. O fato é que ela costumava percorrer todos os Distritos Navais e organizações subordinadas, com a aquiescência dos comandantes, imediatos etc e que, muitas vezes, pagavam as suas despesas com verbas das respectivas caixas de economia e ou vaquinhas feitas entre os oficiais.

Certa vez ela apareceu em Ladário e rapidamente. Teria viajado para Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, e lá, após provocar enorme confusão, acabou sendo presa e depois foi solta, na fronteira com o Brasil, voltando a Ladário, graças à intervenção da Embaixada do Brasil, naquele país, atendendo pedido feito por autoridades navais.

Quando vimos, lá estava ela zanzando por todos os lugares, dando ordens, reclamando do pessoal de serviço no portão de entrada que barrara a sua passagem e que iria falar com o Almirante etc.

Na ocasião, final de 1974, eu acabara de passar o comando da Base Fluvial para o saudoso companheiro e amigo, então Capitão-de-Fragata, Carlos Rogério de Souza Coelho e que também passou a responder, interinamente, pela chefia do Estado-Maior do Comando Naval. Respondia por esse comando o CMG Carvalho, já que o Almirante Paulo Guilherme Brandão Padilha, o titular, fora assumir o Comando do Sexto Distrito Naval, em São Paulo.

O fato foi que arrumaram um local para a Maria pernoitar, ranchos garantidos e a promessa feita por ela para regressar ao Rio de Janeiro três dias depois, num domingo. Contudo, fez pé firme para regressar de avião, o que acabou acontecendo, com o meu testemunho dos gritos dela no Clube dos Oficiais, na sexta-feira à noite, e da paciência do Rogério na ocasião.

Na véspera de sua partida, sábado, estava eu dormindo em minha residência, na Vila dos Oficiais, minha esposa e filhas haviam saído para o Clube e eram mais ou menos umas nove horas da manhã. Acordei com a Maria Japona à beira da minha cama, berrando: Seu Comandante, isso é hora de dormir? Trata de levantar que está pegando tudo lá na Base, estou sendo perseguida, vai lá resolver!

Após o susto, disse-lhe que iria e a acompanhei até a saída. Fui procurar a empregada, que teria deixado a Maria entrar. A coitada estava trancada no seu quarto, morrendo de medo.

No portaló da Base me inteirei da situação. Um fuzileiro a havia provocado, ela então saiu atrás dele jogando-lhe pedras, ele entrou no Grupamento de Fuzileiros, ela continuou lançando pedras e foi obrigada a se retirar, conduzida para fora da área. Deve ter perguntado a alguém onde ficava a casa do Comandante da Base e que lhe indicou a minha, como se eu ainda fosse o Comandante.

No domingo, ela foi escoltada até o Aeroporto de Corumbá , regressando ao Rio de Janeiro. Nunca mais a vi e anos mais tarde soube do seu desenlace. Que Deus a tenha!

AUTORIDADE ECLESIAÍSTICA

Uma vez, durante uma cerimônia cívica na cidade de Ladário, Mato Grosso do Sul, o Prefeito recebia os convidados, encaminhando-os para os palanques montados para tal. Um deles, destinado às autoridades, civis, militares e eclesiásticas, de Ladário, Corumbá e Cuiabá, esta a capital do Estado de Mato Grosso. O Comandante da Base Fluvial de Ladário lá estava, com a esposa e o filho de cinco anos de idade, o Carlinhos.

Pouco antes da hora marcada para o início do evento, todos estavam aguardando a autoridade mais proeminente, um Arcebispo. A cerimônia era, religiosamente, relevante, mas não me recordo a razão. E o garoto, impaciente, fazendo uma pergunta atrás da outra, em voz alta, sem se contentar com as respostas curtas dadas pelo pai, em baixo tom. Mais ou menos assim: --Por que estamos aqui em cima desse troço? – É um palanque para as autoridades, respondeu o pai. – Mas por quê? Emendou o menino. Porque faz parte da festa, disse o pai. Mas por quê? E tá demorando por quê?

E continuou rebatendo as respostas do pai que, aumentando a voz, falou; - Chega de perguntas, lá em casa eu explicarei melhor!

Carlinhos nada respondeu e ficou calado, até o momento da chegada do Arcebispo. Que mal pisou no tapete que dava acesso ao palanque, quando ouviu o garoto gritar: ué, é homem ou mulher? Tá de saia, por quê? Entre risos afogados a mãe deu um jeito de sair com o garotinho.

VOZES DO ALÉM

Pouco mais de um ano servindo em Ladário. Certo dia, acabara de acordar e, ainda deitado, ouvi uma voz me soprando: -Sabe a casa do seu amigo, lá na Capitania? Fazia referência ao Capitão dos Portos de Mato Grosso, que morava em Corumbá, cidade vizinha, no segundo andar do prédio que abrigava a Capitania dos Portos.

Comecei a responder à voz. Disse que sabia e ela prosseguiu: -Saiba então que na próxima madrugada haverá um incêndio por lá. E aí de você se avisar!

Entre a surpresa, a verdade, perguntas e respostas, dúvidas me cercaram, mas eu não avisaria. Honrei o ditado, quem tem ... tem medo! Acho importante, contudo, ressaltar que, desde quatro anos de idade, passei a vivenciar vidências de pessoas já falecidas, como meus avós paternos, que jamais conhecera, e muitas vezes escutar vozes, sugerindo fazer coisas quase sempre perigosas. Anos depois, passei também por experiências de projeções da consciência e emancipação da alma, por duas vezes como adolescente e mais duas quando adulto. No que tange às vozes, umas se cumpriam, outras não, mas o receio de ocorrer sempre me acompanhou.

No dia seguinte, tomei conhecimento de que um princípio de incêndio acontecera na garagem da Capitania, onde o Capitão dos Portos teria autorizado o pernoite de um caminhão de mudanças da Granero, que havia descarregado os pertences de um oficial de Marinha transferido para Ladário e iria regressar ao Rio de Janeiro na manhã seguinte. Se não me engano, alguém teria passado pelo local e jogado uma ponta de cigarro, que caiu sobre uma lona estendida no caminhão, dando início ao incêndio. Que foi logo debelado, sem maiores prejuízos.

De outra feita, ainda em Ladário, acordei com a voz dizendo: Sabe o torneio entre as Forças Armadas sediadas em Mato Grosso? Lembra-se no ano passado, aquele oficial da Aeronáutica que ficou hospedado aqui na sua casa e que após as competições, ao regressar para Campo Grande, de carro, sofreu um acidente, tendo a esposa dele falecido? Pois é, cuidado, agora será um de vocês, da Marinha! Não comente com quem quer que seja!

Dessa vez, fiquei apavorado. Fora um episódio bastante triste, o do ano anterior. O que a voz queria insinuar dessa vez? Era manhã de sexta-feira e no sábado eu viajaria com a delegação da Marinha que disputaria jogos de futebol, futebol de salão e voleibol, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Iríamos de Bufalo, avião de transporte muito utilizado na época e disponibilizado pela FAB sempre que houvesse necessidade.

A primeira coisa que imaginei na ocasião foi um possível acidente aéreo.

Myrian, minha esposa, logo percebeu algo diferente, mas eu não poderia contar. O dia foi passando e haveria uma festa de aniversário à noite, na casa do Comandante do Grupamento de Fuzileiros Navais. Eu não poderia deixar de comparecer. Durante a festa eu estava cabisbaixo e um colega próximo, o Benttenmuller, desconfiou: - o que houve, você está estranho. Alguma intuição? Respondi- lhe que não poderia comentar.

Não demorou muito, alguém me chamou: Bonorino, o Almirante Modesto (Era o Comandante Naval) está lhe chamando lá na residência dele. Considerei normal, uma vez que, estando fora da sede o Ronaldo Schara, assistente do Almirante e meu colega da Turma Quevedo, eu o estava substituindo.

O Almirante foi logo me dizendo: infelizmente, você não poderá viajar amanhã com a delegação! Houve uma revolução na Bolívia, iremos receber vários feridos no Hospital Naval e preciso de você para troca de mensagens criptografadas. Eu abri um largo sorriso, ele não entendeu e emendou: mas quero que você indique um substituto. Gelei e pedi que me dispensasse de tal indicação. Ele aceitou, mesmo sem entender, e iria passar a indicação para o Diretor do Hospital Naval, que na época tinha efetivo maior que a lotação prevista. E assim, o Capitão-Tenente Nascimento, farmacêutico, experiente e que jogava razoavelmente futebol e futebol de salão, substituiu-me.

Tudo transcorreu normalmente em Campo Grande, nenhum problema, vencemos o torneio e descarreguei adrenalina.

Alguns dias se passaram. O Nascimento era solteiro e se dirigia, de carro, para Corumbá, cerca de seis quilômetros de Ladário. Levava a namorada. Já perto da entrada na cidade, parou em um sinal que fechara, quando um rapaz, apontando uma arma para dentro do carro, pela janela do lado da namorada, e que estava aberta, anunciou o assalto.

O Nascimento saiu do carro, deu a volta e se dirigiu ao assaltante, dizendo-lhe que não teria problema, iria lhe entregar tudo o que tinha. Foi quando a namorada retirou a chave da e jogou-a no mato ao lado. O rapaz apontou-lhe a arma no momento em que o Nascimento se aproximou, tentando imobilizá-lo, com uma gravata. Mas, sendo de baixa estatura, apesar de ser forte, como o outro era mais alto, conseguiu acionar o gatilho, atirando. Depois correu, penetrando no matagal, sem levar nada.

A bala circulou a nuca do Nascimento e ficou alojada. Ele foi levado às pressas para o Hospital Naval, submetido a uma cirurgia, porém sem a retirada da bala, uma vez que isso seria de alto risco. Ficou acamado durante uns dias, eu e os demais colegas orando por ele, que afinal teve recuperação total. Mesmo precisando conviver com aquele corpo estranho, continuou a jogar futebol. Anos depois, encontrei-o no Maracanã, em um jogo do Flamengo.

QUE SUSTO!

Eu estava comandando a Corveta Iguatemi, sediada em Belém, Estado do Pará, em 1982. Navegávamos à noite, no rio Amazonas, cumprindo comissão de adestramento, com previsão de três dias de permanência no porto de Manaus.

Era uma madrugada, eu estava dormindo, tudo se encontrava normal e o oficial de serviço no Passadiço, responsável pela navegação e cumprimento da rotina, com ordem para chamar o Imediato e a mim quando necessário.

De repente, acordei, com uma voz clara me dizendo: suba agora ao convés de proa! Saí em disparada, como estava, de bermuda e sandália, indo direto para a proa. Uma luz branca, parecendo de uma lanterna, vinha em rumo de colisão, a uma pequena distância da nossa proa.

Gritei, no silêncio que estava: --Oficial de serviço, aqui é o Comandante, rumo de colisão, leme á bombordo dez graus e um apito.

Imediatamente a ordem foi cumprida, o navio rapidamente iniciou a guinada, quando então vi, pela bochecha de boreste, passando bem próximo, um pequeno rebocador, às escuras, rebocando lentamente várias chatas, o que era comum acontecer. O condutor sinalizou pane elétrica quase solucionada, daí navegar bem devagar. O oficial de serviço à bordo, visualizando o radar e a lanterna do rebocador, já iniciara a manobra, quando interferi. Por via das dúvidas!

Após o susto, prosseguimos viagem.

MANDA QUEM PODE, OBEDECE QUEM DEVE

Em 7 de julho de 1972, então Capitão-Tenente, assumi, interinamente, o comando da Base Fluvial de Ladário, destinado, conforme a lotação prevista, a um Capitão-de-Mar e Guerra. Na ocasião, era comandante um Capitão-de-Fragata, também interino, sendo eu o Chefe do Departamento Industrial e o segundo oficial mais antigo da Base.

Bom ressaltar que ela era um complexo industrial, com mais de uma dezena de oficinas, algumas de grande porte, todas aptas para atenderem não só a Flotilha de Mato Grosso, com os seus meios operativos, no que concerne à manutenção, reparos e docagens, como também a manutenção das edificações e das casas das vilas de oficiais e praças, além da administração de um serviço de reembolsáveis na cidade Ladarense.

Para o cumprimento de sua missão, o quadro de funcionários civis era amplo, porém aquém das necessidades e com a média etária bastante elevada, sem a renovação periódica desejável. Poucos meses depois de minha posse, o Chefe do Departamento de Intendência, um Capitão-Tenente Intendente, foi transferido para o Rio de Janeiro, sendo substituído por outro, que era mais antigo do que eu. Não sei se teria ocorrido caso semelhante e a solução dada: eu Comandante interino e o CT(IM) Ordenador de Despesas. Pelo menos recebi mais três oficiais, do Quadro Complementar, um deles engenheiro naval, que assumiu o Departamento Industrial.

E fomos tocando o barco, todos cooperando, num ambiente bastante saudável, apesar das dificuldades naturais. Devo destacar, também, o auxílio imprescindível dos supervisores e técnicos civis de todos os Departamentos, facilitando o comando, pelas experiências e atitudes.

Em 1973 foi colocado em vigor um novo Plano de Carreira para os Oficiais de Marinha, com exigências básicas para acesso a cada posto. Os capitães-tenentes do Corpo da Armada teriam que cumprir tempo de embarque mínimo para se habilitarem à promoção a capitães-de-corveta.

Então fiz as contas e verifiquei que precisaria embarcar no máximo no princípio de 1974, e já estávamos no final de 1973. Levei o problema ao saudoso Almirante Darly Correa, o Comandante Naval. Como ele iria a uma audiência com o Ministro da Marinha, levou-me como um Ajudante de Ordens, e que conversaria a respeito do meu caso.

E assim me vi diante do Ministro, com o Almirante Darly lhe explicando a situação. Quando o Ministro ouviu que eu estava no comando interino desde julho do ano anterior, ficou pasmo e contrariado, pegou o telefone e falou diretamente com o Diretor Geral do Pessoal da Marinha, determinando que fosse imediatamente designado um substituto para mim. Depois me perguntou se eu estava satisfeito. Respondi que sim, mas que iria aguardar.

Pois é, fiquei esperando. Realmente chegou ao Comando Naval uma mensagem, designando um capitão- de-Mar e Guerra para Comandante da Base. Ele estava acabando o Curso Superior de Guerra Naval. Imaginei, na ocasião, que até fevereiro e no máximo março de 1974, eu seria substituído, depois que o oficial designado cumprisse as férias regulares e a instalação devida pela movimentação. Ledo engano! O oficial designado pedira transferência para a reserva.

Em consequência, chegamos ao mês de junho e eu não teria mais condições de ser posteriormente promovido, por falta de tempo de embarque. Por outro lado, o Comandante Naval havia sido substituído, tendo assumido o também saudoso Contra-Almirante Paulo Guilherme Brandão Padilha e que de pronto se interessou pela minha situação.

Após trocas seguidas de mensagens entre o Comando Naval e seus superiores, ficou definido que a minha caderneta-registro seria embarcada no Navio Transporte Fluvial Paraguassu, com data retroativa de tal modo, que me permitisse cumprir o tempo de embarque necessário. E assim aconteceu, até que, estando o Imediato do navio completando o tempo destinado à função, fui consultado se aceitaria ser designado como o próximo Imediato. Aceitei na hora. Minha segunda filha havia nascido em Ladário, estava com pouco mais de um ano de idade e minha esposa deu-me toda a força, como sempre. Nós éramos felizes naquele local e, como eu era diretor social e esportivo do nosso clube, promovendo eventos com as organizações militares e a sociedade civil, havia conquistado muitas amizades.

Assim, no dia 10 de agosto de 1974 assumi a função de Imediato, acumulando-a com a de comandante interino da Base, o que permaneceu até 25 de novembro, quando, por fim, passei o cargo para um capitão-de-fragata , designado para tal.

No entanto, no período entre 10 de agosto e 25 de novembro, realizei todas as comissões destinadas ao Paraguassu, como Imediato, ficando o comando da Base com o CT (IM) Ordenador de Despesas, apoiado pelo Chefe-do-Estado-Maior do Comando Naval.

O imbróglio foi complicado, mas fui promovido na data prevista.

O PAM DO MINAS

Quando regressei de Ladário, já Capitão-de-Corveta, fui designado para o Navio Aeródromo Ligeiro Minas Gerais, o A-11, que iniciara, alguns meses antes, um Período de Atualização e Modernização, sigla PAM. Com toda a experiência adquirida como Chefe do Departamento Industrial e Comandante da Base Fluvial de Ladário, além de já ter servido no Minas

anteriormente, apresentei-me à Esquadra, sendo indicado diretamente para o navio, assumindo a função de Encarregado do Grupo de Controle de Avarias, um dos três Grupos do Departamento de Máquinas e responsável por duas Divisões: Máquinas Auxiliares e Reparos.

O A-11 se encontrava atracado no cais que lhe era destinado, no Arsenal de Marinha, cumprindo todo um programa planejado em conjunto e de acordo com as necessidades imperiosas autorizadas pela Alta Administração Naval.

Quando assumi, as praças de máquinas do navio estavam sendo praticamente desmontadas e um grande volume de equipamentos, redes e outros materiais sendo retirados e enviados para as oficinas do Arsenal.

Diariamente eu informava, ao Chefe de Máquinas, e ele ao Comando, a posição do centro de gravidade do navio, em razão de todas as movimentações de pesos retirados de bordo e que poderiam causar adernamentos. Nesses casos, compensávamos com manobras de lastros. Como o controle era realizado por cada Divisão, que repassava a cada Encarregado de Grupo e daí para o Chefe de Máquinas, sugeri que fizéssemos painéis de cortiça, colocados sobre cavaletes, com os planos de cada setor afixados e, usando alfinetes coloridos, destacando a situação real: o que havia sido retirado, aonde se encontrava, tempo estimado para o reparo, prontificação aprovada e reinstalação feita. Cada situação era identificada por cores diferentes. Cada encarregado de divisão era responsável pelo setor correspondente, fazendo as atualizações diárias. A sugestão foi aceita, representando um alívio para o comando que, semanalmente, era arguido pelos comandos superiores, a respeito dos reparos.

Foi então disponibilizado, pelo Imediato do navio, um compartimento para exposição dos painéis, que foram colocados separadamente, por Praças de Máquinas e setores afetados. Com tal medida, tínhamos o controle permanente em porcentagens de serviços executados e condições de acompanharmos o cumprimento dos programas, em todos os estágios. O Comandante do navio frequentemente convidava autoridades superiores para tomarem conhecimento da situação.

Em 1979, as porcentagens permitiram, com boa precisão, fazermos previsões para o término do PAM.

Evidentemente, a quantidade de reparos à bordo, o número de maçaricos funcionando do início ao final do expediente, as movimentações de carga e outros aspectos inerentes à vultuosa obra, exigiam cuidados especiais e um adestramento permanente. Era a maior preocupação dos Comandantes do navio desde o início e até o final do PAM.

Como Encarregado do Controle de Avarias, era um dos primeiros a chegar à bordo e quase sempre um dos últimos a sair, como também acontecia com os oficiais do Departamento de Máquinas. Terminado o expediente normal, eu inspecionava o navio,

principalmente as praças de máquinas, verificando possíveis situações perigosas, e checando as movimentações de peso informadas.

Em duas ocasiões me vi em apuros. Numa delas, começara a anoitecer e o oficial de serviço na Tolda, sabendo que eu estava ainda à bordo, chamou-me com urgência ao Convés de Vôo, pelo fonoclama. Fui o mais rápido possível, a ponto de ver um enorme balão se aproximando do navio e sendo atraído exatamente pela abertura deixada pelo elevador que permitia o acesso ao Hangar e neste posicionado naquele momento. O local estava repleto de equipamentos e materiais a serem retirados de bordo no dia seguinte, bem como entulhos, alguns inflamáveis.

Quando descí até o Hangar o balão já havia pousado. Alguém me avisou: não fique preocupado, Comandante, a bucha está apagada. Um alívio. Apesar da escuridão, lá estava o enorme balão, debruçado sobre alguns equipamentos, tentando se equilibrar. Foi recolhido e incinerado!

De outra feita, lá pelas dezoito horas, peguei uma lanterna, como fazia diariamente, e saí para fazer a inspeção de final do expediente. Percorria os compartimentos, a maioria totalmente às escuras e com cuidado para não sofrer quedas. Iluminava ao redor e avançava devagar. De repente, minha testa foi atingida por alguma coisa e o sangue começou a jorrar. Quando vi, uma chapa de aço estendida na altura de minha cabeça, sobre um cavalete, toda ela cheia de pontas nas extremidades e uma dessas pontas, como um espigão, cravada em minha testa. Não adiantava gritar e nem espernear. Decidi imediatamente e de uma vez só recuei a testa, livrando-me do problema. Com o lenço, apertei o ferimento e corri para a enfermaria. Lá estavam um médico e um enfermeiro, que prontamente me atenderam. O médico, particular amigo e que anos mais tarde foi Diretor de Saúde da Marinha, o Vice-Almirante Marco Antônio Montenegro. Ele me acalmou, o ferimento não havia sido profundo, não houve necessidade de vacina antitetânica.

Ordem depois recebida e cumprida: não faça mais inspeções sem levar um ajudante!

UM RELATO MEDIÚNICO

Durante o PAM do Minas Gerais, não sei precisar se em 1978 ou no ano seguinte, porém logo após um almoço, na Praça D'Armas do navio, ficamos conversando, eu e um Capitão-de-Fragata, na ocasião Chefe do Departamento de Operações do navio. Bom ressaltar que ele era um dos primeiros da sua turma, bem conceituado e bastante sério e culto. Esteve na ativa como vice-almirante.

Eu lhe fizera perguntas a respeito do emprego de mísseis, assunto que estudava, preparando-me para o concurso de admissão ao Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Guerra Naval. Recebi uma aula completa e depois, não me lembro da razão, a conversa mudou para outros fatos, tendo ele me contado o seguinte acontecimento, que abaixo descrevo.

Acabara de acordar, dias antes, dirigindo-se ao banheiro para fazer a higiene diária. Ao terminar, regressou ao quarto, tendo a surpresa de ver a esposa, ao mesmo tempo, dormindo e uma réplica sentada diante da penteadeira, penteando os cabelos. Ela o viu, levantou-se

bem assustada e, numa fração de segundos, voltou para o corpo físico. E continuou dormindo. Não sei se ele tocou no assunto com ela.

UMA EXPERIÊNCIA NÃO PROGRAMADA

Ladário, 1970, embarcado no Monitor Parnaíba, como Chefe de Máquinas, pronto para participar de um exercício conjunto, o Comandante do navio me avisou que eu seria o Diretor de Apoio de Tiro Naval. Além de algumas instruções, orientou-me para que, nas proximidades do cenário operativo, quando as embarcações de desembarque, as EDVP, conduzindo os fuzileiros navais, fossem autorizadas a se deslocarem para o ponto determinado, eu já deveria estar embarcado naquela que conduziria um dos pelotões, chefiados por um Primeiro-Tenente FN, que faço questão de mencionar: Gil Cordeiro Dias Ferreira, recentemente falecido. Éramos amigos, eu o conhecera quando cursava a Escola Naval e ele se preparando para o concurso ao Colégio Naval.

Como tarefa, eu deveria, conforme solicitação da Força amiga, representada pelos fuzileiros do Grupamento de Fuzileiros Navais de Ladário, informar ao Comandante do Grupamento Naval, que era o Comandante do Navio Monitor Paraguassu, as localizações inimigas a serem atacadas. Era receber o pedido de apoio e repassar as coordenadas.

Recebi um aparelho rádio-comunicador, tipo walk-talk, uma bolsa com alimentos, biscoitos, sucos e me lembro muito bem do meu comandante dizendo-me: é melhor levar de mais, nunca se sabe! Ele tinha razão. Quanto ao uniforme, deveria ir com o normal de trabalho à bordo, nada diferente, já que eu desembarcaria da EDVP junto ao barranco da margem à bombordo, dali receberia as coordenadas, aguardaria a aproximação do capitânea, que faria o apoio de tiro, repassaria os locais devidos e, tão logo tudo terminasse, seria recolhido.

Fui? Em primeiro lugar, logo que desembarquei, percebi que estava no meio da selva. Os pelotões de fuzileiros, pois foram várias EDVP projetadas para o assalto à cabeça de praia, começaram a avançar, as vozes diminuindo, o comunicador não funcionava e eu vendo os navios ao longe, nos seus rumos, simplesmente ultrapassando o local onde eu me encontrava. E nada!

Já estava desorientado, não via como resolver o problema, mais de dez minutos passados, quando vejo o Gil, acompanhado de quatro soldados fuzileiros, dizendo-me: Bonorino, melhor vir comigo, as comunicações estão péssimas, sei que você não está com farda apropriada, mas o pessoal aqui (apontou para os soldados) irá lhe proteger, até chegarmos ao acampamento do Comando terrestre.

Não pensei duas vezes, segui com eles pela mata cerrada, cheia de espinhos e não sei quanto tempo durou, até que chegamos em uma clareira, onde diversas barracas haviam sido montadas pelos fuzileiros. Estava todo picado por insetos, arranhado nos braços, mas feliz. Fiquei em uma das barracas e na hora do almoço agradei de longe ao Comandante Ezil, o meu comandante, pelo lauto farnel que ainda dividi com outros, que só possuíam cota de alimentos enlatados.

Ao final do dia tudo estava acabado, fomos todos deslocados para Porto Murinho e de lá regressamos aos navios. Fiquei depois imaginando, se fosse real. O mais interessante de tudo foi que ninguém tocou no assunto, como se absolutamente tinha que ser como foi. Fiquei na minha!

EXPERIÊNCIAS DE PROJEÇÃO

Quando estava com 13 anos, morava com os meus tios Luiz e Josephina e os primos Hertz Luiz e Rogéria Maria, no Humaitá, em um apartamento no décimo andar do edifício Glória Lagoa, cujos fundos davam para o morro do Corcovado, possibilitando-nos, diariamente, visualizarmos a belíssima imagem do Cristo Redentor e que iluminada, à noite, tornava-se deslumbrante.

Naquela época, ano de 1952, eram raros os prédios de muitos andares nas cercanias e do terraço do Glória Lagoa víamos, inclusive, parte da Lagoa Rodrigo de Freitas. No térreo do edifício, costumávamos brincar, meninos e meninas, de queimados, bandeirinha, pic-esconde, bola de gude e outras brincadeiras, raras hoje em dia. No terreno ao lado, vazio e sem perspectivas de construções, fizemos um campo de futebol, onde as peladas nos finais de semana eram sagradas.

Certa vez eu estava dormindo, plena madrugada, quando, sem entender o que se passava, encontrei-me fora do corpo físico. A única diferença que notava era uma leveza total para me deslocar. Vi o corpo deitado na cama e saí andando pelo apartamento. Passei pela cozinha e, chegando até a área de serviço, aproximei-me do poleiro do Louro, nosso papagaio de estimação. Ele se arrepiou todo e deu mostras de que me via.

Eu não conseguia tocá-lo e nem tocar em qualquer coisa material que quisesse. Fui à varanda, nos fundos da sala e, de repente, deu-me uma vontade forte de me jogar lá de cima do décimo andar. Joguei-me e comecei a descer lentamente, como se fosse uma pluma, até atingir o solo.

A ciência já comprovou, há décadas, após experiências feitas na França, com indigentes moribundos, que a alma tem peso, o que originou um filme denominado 21 gramas.

No térreo, encontrei outras crianças como eu, passamos a brincar e depois decidimos voitar em direção ao Cristo Redentor, passando pelas árvores frutíferas, que não conseguíamos pegar, porém registrando nas mentes as que se encontravam maduras.

Tentamos voitar em direção vertical e, num dado momento, fomos bloqueados pela força da gravidade. Então nos dispersamos e, de repente, acordei sobressaltado, na cama onde dormia.

Na ocasião, guardei comigo a experiência, sem dividi-la com outros.

Anos mais tarde tive a oportunidade de pesquisar a respeito, lendo diversos livros sobre Parapsicologia, de autores americano, espanhol e russo, obras de Carl Jung, mas nenhuma me respondeu completamente as perguntas que formulei, ainda que tenha aprendido sobre outras questões importantes.

Em 1966, quando servia no Nael Minas Gerais, o Padre Quevedo, à época considerado um parapsicólogo importante, fez uma exposição sobre o tema e, durante os debates trocamos ideias, contei-lhe sobre a experiência por mim vivida e ele não me ofereceu uma resposta plausível, quando lhe disse que, no dia seguinte ao desprendimento da alma, eu percorri as árvores com os frutos maduros que eu vira, colhendo os que me interessaram.

Pois bem, em 1979, uma vez mais servindo no Navio Aeródromo Minas Gerais, passei por nova emancipação da alma. Estava no interior de um camarote vazio, após o expediente, estudando Relações Internacionais, matéria constante do concurso ao Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Guerra Naval. Num dado momento, sentindo-me meio tonto, deitei-me no beliche ao lado da escrivaninha onde me encontrava e apaguei. Imediatamente me vi fora do corpo, começando a flutuar, subindo e descendo lentamente. Achei que havia morrido e então pousei, saindo do camarote pela porta fechada e seguindo o corredor dos camarotes de oficiais superiores, até chegar àquele que me era destinado. Eu o dividia com um colega, Serge Torres de Carvalho, Encarregado do Grupo da Propulsão, subordinado ao Chefe de Máquinas, como eu, Chefe do Grupo de Controle de Avarias.

O Torres estava conversando com outro colega que servia no navio e tentei entrar na conversa, mas nada, eles não me viam. Fiquei assustado, sem saber se estava vivo e, de repente, do nada, encontrei-me em um campo, repleto de árvores e vendo o Sol se pondo no horizonte. Um cântico gregoriano chamou-me a atenção e percebi que vinha de um grupo de religiosos, conduzindo archotes nas mãos e vestidos a caráter. Quando vi que se aproximavam, pensei: Vieram me buscar! Apavorado, comecei a rezar o Pai Nosso e, num piscar de olhos, acordei no beliche onde deitara. Levantei-me e saí correndo em direção ao meu camarote. O Torres ainda estava lá, trocando a roupa, e então lhe contei o que ocorrera, quem estivera com ele, o que haviam conversado! Ele me conhecia bem, no princípio brincou, mas depois dizendo que acreditava no meu relato.

A SIMPLICIDADE DO MINISTRO

Eu comandava a Corveta Iguatemi, sediada em Belém, capital do Pará e diretamente subordinada ao Comando do Grupamento Naval do Norte que, por sua vez, era subordinado ao comando do Quarto Distrito Naval.

Estava programada uma visita do Ministro da Marinha, com a sua comitiva às organizações navais da área e definido que o almoço seria à bordo do Iguatemi, atracado junto ao cais e recentemente pintado externamente.

Meu dispenseiro, o Gilvan, era um marinheiro extremamente safo, com grandes habilidades culinárias e então, como recebi liberdade de ação para a confecção do almoço, expliquei tudo o que deveria ser feito, sem escolher o cardápio. Gilvan só me disse: --Deixa comigo Comandante!

No horário previsto eu já havia inspecionado a arrumação, os locais por onde o Ministro e as autoridades iriam passar, só não vi a comida sendo preparada.

Como a Praça D'Armas da Corveta era modesta, lá almoçariam apenas os almirantes e os capitães- de- mar e guerra mais antigos, um deles o meu Comandante Superior, do Grupamento Naval, Mauro Ângelo Maia.

Na hora prevista, posicionei-me na tolda, logo veio o Comandante Mauro Maia, em seguida saíram as autoridades e então ficamos aguardando o Ministro, o saudoso Almirante Maximiano.

Uns cinco minutos se passaram, recebi a ordem: Bonorino, vá até lá ver o que aconteceu.

Encontrei o Ministro sentado à mesa, com a maior simplicidade e humildade, com um papel e uma caneta, anotando as receitas ditadas pelo Gilvan, sentado ao lado!

Nem sei que cardápio foi, mas falei para o Comandante Maia: - Pode escrever que o Gilvan irá para Brasília. Não deu outra, logo recebemos uma mensagem. Como eu passaria o Comando em dois meses, e com a devida licença recebida para tal, fiz contato com um dileto amigo do gabinete do Ministro e o Gilvan somente desembarcou pouco antes do meu desembarque.

POR UM FIO

Certo dia, quando morava em Ladário, na Vila dos Oficiais de Marinha que serviam nas organizações Militares lá sediadas fomos, eu e minha esposa, convidados para o aniversário da esposa do Comandante do Grupamento de Fuzileiros Navais. A Vila desembocava bem próxima da margem esquerda do Rio Paraguai, no sentido Ladário para Corumbá, em local desabitado, um grande matagal.

As mesas com convidados foram todas dispostas no quintal da residência, bastante amplo, com algumas árvores existentes, o que era bem mais agradável, em face do calor quase sempre abrasador na região.

Em dado momento, eu estava de pé, na escada de acesso à cozinha, conversando não me recordo com quem, mas esperando um dos serviçais trazer a bebida que havíamos pedido. Ele chegou e nos disse baixinho: olhem lá, na perna da Madame, a cobra está enrolando. Não avisem, por favor, deixem comigo.

Ficamos parados, quietos, enquanto ele, que era cria daquela cidade, desceu rapidamente as escadas, contornou a cadeira onde estava sentada a Maria Luiza, aniversariante e esposa do Comandante Grangeiro e, com tremenda agilidade e risco, segurou a jararaca de uma vez só, evitando uma picada certa, caso fosse admoestada. A reação da Maria Luiza foi incrível, como se nada estivesse acontecendo. Disse ela que estava sentindo alguma coisa lhe tocando, mas não teve vontade de ver, achando que seria um inseto perturbando. Foi por um fio! A picada da boca de sapo, como aquela jararaca era conhecida, quando não matava, aleijava, segundo diziam.

A PELADA!

Uma vez, quando cursava a Escola Naval, percebi um sinal de afecção no couro cabeludo, popularmente conhecido como uma pelada! Uma mancha oval pouco acima da orelha esquerda e nós, aspirantes, tínhamos que cortar o cabelo sempre curto. O cabelo começava a crescer, pouco que fosse, a mancha ficava parecendo um campinho de pouso.

No princípio não dei muita bola, mas a pelada foi aumentando e me preocupando. Onde tivesse um espelho próximo, eu ficava olhando, medindo...

Estava em licença normal, em um sábado, transitando na rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, procurando não sei o quê, e parei defronte a uma vitrine, que me permitia visualizar aquela mancha descarada. De repente, uma senhora bastante idosa, pela aparência, e de roupagem bem simples e humilde, dirigiu-me a palavra, mansamente, dizendo-me que eu não precisaria ficar preocupado com a coisa na cabeça, e que fizesse o seguinte: colocasse uma colher de sopa de creolina em um copo com água, mexesse bem e uma vez ao dia, pela manhã, passasse no local com um algodão ou cotonete impregnado por aquela mistura. Mal ela acabara de falar, virei-me e não havia ninguém ao lado.

Saí olhando ao redor e nada. Cheguei em casa e fiquei pensando no recado. A creolina era normalmente usada para limpeza de sanitários, era um desinfetante líquido escuro e de odor forte. Por uns dias fiquei sem saber como proceder, depois os colegas me sugeriram procurar auxílio médico, outros garantiam que sumiria com o tempo, que fora no barbeiro

que eu pegara aquele troço, enfim, resolvi acatar a recomendação da velha senhora. Preparei a mistura e logo que acordava besuntava a pelada. Pois não é que poucos dias depois, no banheiro, com uma lupa só para vislumbrar o progresso, vi, com enorme satisfação, os cabelinhos ressurgindo felizes, preenchendo aquele vazio assustador. Graças a Deus e aquela sua representante!

Muitos anos se passaram, eu comandando a Base Fluvial de Ladário, recebo, em audiência, um marujo, encaminhado pelo seu Encarregado de Divisão por haver cometido uma infração, sendo merecedor de pena disciplinar. Antes de julgá-lo, à luz da descrição de sua falta, observei que ele tinha uma pelada na cabeça, parecida com a que tive no passado. Conversamos e lhe expliquei o que acontecera comigo, deixando a seu critério usar ou não o procedimento com a creolina.

Fiquei sabendo que ele resolvera usar a creolina pura, sem misturá-la com água, queimando o couro cabeludo e fazendo uma ferida. Contudo, semanas se passaram, tudo voltou ao normal. Às vezes ele cruzava comigo e ficava meio sem jeito. E recebera um presente, pois não lhe imputei qualquer pena. Fora um atraso justificado.

QUE PAPELÃO!

Em 1966, eu e vários colegas de Colégio e Escola Naval, que fizemos parte das seleções de futebol e futebol de salão daqueles estabelecimentos de formação de oficiais de Marinha, estávamos servindo no Navio Aeródromo Ligeiro Minas Gerais. O Jornal dos Sports, de grande circulação na época, promovia, anualmente, um torneio de futebol soçaite, a ser disputado nos campos de terra do Aterro do Flamengo, sendo as primeiras rodadas eliminatórias, uma vez que as inscrições chegavam a mais de uma centena de equipes. Cada equipe poderia inscrever até doze jogadores e os jogos eram com oito em cada time, incluindo o goleiro. A duração do torneio dependeria da quantidade de equipes inscritas.

Como havia previsão de comissão para o navio somente uns quarenta dias depois, inscrevi uma equipe no torneio, com o nome “Ouro Futebol Clube”, constituída por cinco oficiais e dois marinheiros do Minas, e mais cinco amigos do time Glória Lagoa, onde eu jogava, em Botafogo. Os jogos seriam realizados nos sábados ou domingos.

Tudo fora bem organizado pela equipe do Jornal, as inscrições repletas de exigências, com taxa de inscrição, identificação de cada inscrito, fotografia e, antes do início dos jogos, seguranças para a manutenção da disciplina. Os juízes eram da Federação Carioca. Os primeiros cruzamentos entre as equipes foram por sorteio. Nosso time deveria estreiar contra outro, formado por funcionários dos Correios.

No regulamento, havia uma cláusula, concedendo prêmio em dinheiro à equipe que conseguisse uma vitória com trinta ou mais gols.

Compramos os uniformes fazendo uma vaquinha, minha sogra desenhou e bordou um escudo alusivo em cada camisa e lá fomos para o Aterro, em uma manhã ensolarada de um sábado.

Nosso time era muito bom. Lembro-me que, do Nael Minas Gerais, éramos eu, Cascão,

Godofredo, Beranger, Tagore e dois marinheiros, sendo um o goleiro, e o outro um zagueiro, o Aracati, da seleção da Marinha.

Levamos nossa torcida, esposas, namoradas, parentes, amigos e então o jogo foi iniciado. E logo fizemos o primeiro gol. Na sequência, um passeio! Primeiro tempo terminado, Ouro 15x0 Correios.

Menos de meia hora no segundo tempo, colocamos 29 a 0. Passamos a considerar garantido o tal prêmio para quem fizesse 30 gols, quando, sem mais nem menos, todo o time do Correio abandonou o campo.

Um papelão! Tentamos dialogar, alguns quiseram voltar, mas o juiz já havia encerrado a partida.

Na sequência das eliminatórias, vencemos o segundo jogo por 6x2, o terceiro por 4x1 e perdemos o quarto, que nos levaria às finais, por WO. O Minas Gerais suspendeu do porto e nós do torneio. Já sabíamos que isso poderia acontecer. Além do mais, a comissão do navio foi sensacional, com dois portos estrangeiros, Buenos Aires e Montevideú.

CONTINUANDO

Durante a comissão acima citada, quando no porto de Montevideo, eu e vários colegas do navio fomos a um cassino e ficamos observando uma das mesas de roleta. Quando a bolinha é lançada, a roleta já girando, das duas uma: ou ela fica saltitando entre as ranhuras existentes, até se acomodar em uma delas, quando a velocidade da roleta fica reduzida, ou ela cai imediatamente em uma ranhura, até a parada completa da roleta.

Ocorre que, se prestarmos atenção, vendo a roleta de perto, perceberemos que, logo acima das ranhuras, existe um anel metálico limitador, que rodeia toda a roleta. Ele impede que a bolinha caia rapidamente em qualquer ranhura, ainda que seja baixa a aceleração centrípeta. Neste caso, a bola fica passeando em torno do anel, até que o seu peso se sobreponha e então ela cai.

Contudo, há um macete que pode acontecer em inúmeros cassinos, que é limar um pequeno setor do anel citado. Quando a bolinha começar a girar em torno do anel, irá em uma das ranhuras, correspondentes ao setor limado. Normalmente cerca de seis a sete números desencontrados fazem parte do setor.

Assim, um jogador que perceba um setor limado, se jogar sempre nos mesmos números daquele setor, terá grandes chances de acertar, lembrando que o prêmio é trinta e seis vezes a quantia jogada em um dado número. Então é uma questão de torcer para que a bolinha não se acomode na ranhura quando lançada, o que é bem difícil, e sim caia na ranhura pela diminuição da velocidade da roleta.

Pois bem, observei que, na mesa em que estávamos, a roleta estava limada. Éramos uns seis colegas. Anotei os números e combinamos cada qual escolher um deles, porém jogando o mínimo, só dobrando após algumas rodadas. E começamos a ganhar seguidas vezes, quando o crupiê percebeu que havíamos descoberto a limagem e que, sem dúvidas, quebraríamos a banca. Simplesmente ele gritou “No mas”, chamou possivelmente o gerente, que fechou a mesa em questão. Porém ganhamos uma boa grana!

